

Bruno Tavares

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL DOS
CURSOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFSC**

Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências
Biológicas do Centro de Ciências Biológicas
da Universidade Federal de Santa Catarina
submetido como requisito para obtenção do
Grau de Licenciado em Ciências Biológicas
Orientadora: Profa. Dra. Adriana Mohr.

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Tavares, Bruno

Educação Sexual no Programa de Educação Tutorial dos
cursos de Ciências Biológicas da UFSC / Bruno Tavares ;
orientador, Adriana Mohr, 2019.

102 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis,
2019.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Abordagens de Educação Sexual.
3. Espaços Extradisciplinares. 4. Gênero e Sexualidade. 5.
Formação de Professores/as de Biologia. I. Mohr, Adriana.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Biológicas. III. Título.

Bruno Tavares

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL DOS
CURSOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFSC**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau em Licenciado em Ciências Biológicas, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências Biológicas.

Florianópolis, 07 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Carlos Roberto Zanetti
(Coordenador do Curso)

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Adriana Mohr
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Néli Suzana Quadros Britto
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Me. Larissa Zanella
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Mariana Brasil Ramos
Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho à minha mãe, Vanderléa. Te amo muito!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família por todo o suporte ao longo desses anos, além do carinho e compreensão para comigo. Minha mãe Vanderléa, minhas irmãs Josiane e Beatriz, e minha querida sobrinha Lívia: Eu amo muito vocês!

Agradeço à professora Adriana Mohr, por ser uma orientadora presente e interessada em meu trabalho, contribuindo profundamente em meu crescimento acadêmico-científico. Com toda certeza a senhora se tornou pra mim uma referência de pesquisadora, professora e como pessoa. Muito Obrigado por tudo!

Não poderia deixar de agradecer minha amiga Morgana, que sempre esteve ao meu lado, mesmo nos momentos difíceis. Temos muitas histórias pra contar, e várias outras a serem escritas... Por agora, só tenho a agradecer.

Sem dúvida alguma, a graduação não teria sido tão incrível sem meus queridos amigos Duda, João Victor, Kathleen e Matheus. Vocês estiveram comigo na maior parte dessa jornada, que enriqueceu cada um de nós, e o mais bonito foi que crescemos juntos, apoiando-nos e desfrutando de momentos incríveis, os quais estão marcados na minha memória pra sempre. Vocês são muito importantes pra mim.

Agradeço a turma 14.1 da Biologia, onde tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis, que levarei para a vida. Em especial, destaco a Andressa, Felliipe, Lucas, Sophia e Thayza.

Ressalto a importância dos grupos Casulo, Bússolas e Grupo de Estudos em Paulo Freire no meu percurso formativo, suscitando discussões muito pertinentes. E, como esses grupos só são possíveis devido às pessoas que os compõem, agradeço cada um de vocês: André, Bárbara, Beatriz, Cleiton, Guilherme, Jair, Jéraldi, Larissa, Letícia, Leandro, Lina, Lua, Mariana, Mayana, Nadir, Otávio, Sylvia, Taís, Thiago, Vilmarise, Yuri.

Agradeço ao PET/Biologia/UFSC e, em especial ao projeto “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”. Os momentos que passei no projeto foram muito importantes em relação ao meu crescimento enquanto profissional, e pude conhecer pessoas incríveis, as quais eu só tenho a agradecer. De forma especial, agradeço ao atual tutor do PET, Renato e à ex-tutora Tânia, os quais sempre foram muito prestativos com esse trabalho.

Voltando mais na linha do tempo, agradeço ao Laboratório de Protozoologia, o qual fez parte do meu crescimento acadêmico e científico, onde estive por quase três anos e trabalhei com pessoas muito boas. Nesse sentido, faço um agradecimento geral aos professores

do laboratório e em especial ao meu ex-orientador, Edmundo. Quanto aos meus ex-colegas de laboratório, gostaria de agradecer à Adriana, Carime, Laryssa, Natália e Tati.

Agradeço muito à Banca Examinadora, a qual é composta pelas professoras Dr^a Néli Suzana Quadros Britto, Me. Larissa Zanella e Dr^a Mariana Brasil Ramos, pela disponibilidade em ler e criticar este trabalho.

Por fim, agradeço à CAPES, principalmente em relação ao seu Portal de Periódicos, o qual foi de extrema importância na etapa de Revisão Bibliográfica deste trabalho.

Assim, concluí que problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los. (Judith Butler, 1990)

RESUMO

As experiências escolares em Educação Sexual no Brasil datam do início do século XX, e após passarem por caminhos tortuosos, foram reinseridas nos currículos das escolas apenas no fim dos anos 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Essa documentação preconiza a transversalidade da chamada Orientação Sexual, a qual deveria ser tratada em todas as disciplinas ao longo dos ciclos de escolarização. Entretanto, no cenário escolar atual, costuma-se delegar a função de educador sexual aos professores de Ciências e de Biologia. Todavia, diversas pesquisas mostram a precariedade na formação inicial e continuada desses profissionais para abordagem da Educação Sexual, desde a ausência de disciplinas nos cursos de graduação, até a carência de discussão da sexualidade de forma ampla. Contudo, deve-se levar em consideração a importância formativa dos espaços extradisciplinares nesses cursos de graduação, inclusive enquanto mecanismos de discussão em Educação Sexual. A presente proposta objetivou descrever o panorama de Educação Sexual em um espaço extradisciplinar dos Cursos de Ciências Biológicas da UFSC, denominado Programa de Educação Tutorial (PET/Biologia/UFSC). Para tanto, foram analisados os relatórios anuais do programa (2008-2018), assim como outros documentos acessórios, no sentido de identificar diversos aspectos da Educação Sexual nele desenvolvida, com foco principal nas Abordagens de Educação Sexual. Foram identificados dois momentos distintos em relação às abordagens de Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC: o primeiro (2008-2012) está alinhado ao Modelo Biológico-Centrado e Preventivo e Abordagem Médica; enquanto que o segundo (2013-2018) se aproxima de um Modelo Biopsicossocial e Abordagens Pedagógica, Emancipatória e dos Direitos Humanos. Desse modo, a sexualidade começou a ser discutida de forma mais ampla, diversificando-se as temáticas abordadas, numa postura de discutir a sexualidade para além de um viés anatomo-fisiológico e da saúde, incorporando questões de valores e tabus da sexualidade humana. Nesse sentido, reitera-se a importância desse espaço extradisciplinar, referente às discussões de Educação Sexual dentro dos Cursos de Ciências Biológicas da UFSC, inclusive enquanto resistência aos ataques a uma Educação Sexual que pautasse as diversidades sexuais e de gênero.

Palavras-chave: Abordagens de Educação Sexual. Espaços Extradisciplinares. Gênero e Sexualidade. PET-Biologia. Formação de Professores/as de Biologia.

ABSTRACT

School experiences in sexual education in Brazil date back to the beginning of the twentieth century, and after going through tortuous paths, were reinserted into school curricula only in the late 1990s, with the publication of National Curriculum Parameters (PCN). This legislation advocates the transversality of Sexual Orientation, which should be addressed in all disciplines throughout schooling cycles. However, in the current school setting, it is usually delegated the role of sexual educator to science and biology teachers. However, several studies show the precariousness in the initial and continuous formation of these professionals to approach Sexual Education, from the absence of disciplines in undergraduate courses, to the lack of broad discussion of sexuality. However, it is necessary to take into account the formative importance of the extra-disciplinary spaces in these undergraduate courses, even as mechanisms of discussion in Sexual Education. With this in view, the present proposal aimed to describe the sexual education panorama in an extradisciplinary space of the Biological Sciences Courses of UFSC, called Tutorial Education Program (PET/Biology/UFSC). To this end, the annual reports of the program (2008-2018), as well as other accompanying documents, were analyzed in order to identify several aspects of Sexual Education developed in it, with a main focus on Sexual Education Approaches. Two distinct moments were identified regarding the Sexual Education approaches in PET/Biology/UFSC: the first one (2008-2012) is aligned with the Biological-Centered and Preventive Model and Medical Approach; while the second (2013-2018) approaches a Biopsychosocial Model and Pedagogical, Emancipatory and Human Rights Approaches. Thus, sexuality began to be discussed more broadly, diversifying the themes addressed, in a posture of discussing sexuality beyond an anatomical-physiological bias and health, incorporating issues of values and taboos of human sexuality. In this sense, the importance of this extra-disciplinary space, referring to the discussions of Sexual Education within the Biological Sciences Courses of the UFSC, including resistance to the attacks on a Sexual Education that guides sexual and gender diversities, is reiterated.

Keywords: Sexual Education Approaches. Extra-disciplinary Spaces. Gender and Sexuality. PET-Biology. Biology Teacher Training.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Representação esquemática dos marcos legislativos citados neste trabalho, em relação à Educação Sexual escolar brasileira.....32
- Figura 2.** Logotipo do Projeto “Educação em Saúde: um Exercício de Inclusão Social” (PET/Biologia/UFSC).....42
- Figura 3.** Logotipo do Projeto “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação” (PET/Biologia/UFSC).....43
- Figura 4.** Representação da busca por palavras-chave no Portal de Periódicos da CAPES....46
- Figura 5.** Representação da busca por palavras-chave no Banco de Dados da SCIELO.....46
- Figura 6.** Terminologias presentes nos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC para designar o processo de ensino-aprendizagem de sexualidade.....58
- Figura 7.** Massagem coletiva, após a dinâmica de apresentação no Centro Social Marista...63
- Figura 8.** Visita do projeto ao Colégio Santa Catarina.....63
- Figura 9.** Visita do projeto ao Colégio Estadual Leonor de Barros.....65
- Figura 10.** Visita do projeto à Escola Hilda Theodoro.....65
- Figura 11.** Intervenção do projeto no Colégio Getúlio Vargas.....66
- Figura 12.** Cartaz de divulgação referente ao Cinedebate do filme Tomboy.....68
- Figura 13.** Cartaz de divulgação da Mesa Redonda “Vamos falar sobre virgindade?”.....68
- Figura 14.** Cartaz de divulgação da Mesa Redonda oferecida na SEPET.....69

Figura 15. Estande do Projeto Educação em Sexualidade: Uma Nova Visão, na SEPEX.....	69
Figura 16. Divulgação das atividades do projeto em frente à reitoria da UFSC, no Mobiliza PET.....	70
Figura 17. Cartaz de divulgação do Cinedebate acerca de gênero na graduação.....	70
Figura 18. Cartaz de divulgação da “Troca de Experiências entre Minas!”.....	70
Figura 19. Cartaz de divulgação da Palestra “Falando sobre sexualidade”.....	71
Figura 20. Cartaz de divulgação da discussão do documentário “O Riso dos Outros”.....	72
Figura 21. Cartaz de divulgação da oficina ministrada pelo projeto na Semana da Biologia.....	72
Figura 22. Oficina “Gênero, Sexualidade e Ensino de Ciências” na Semana da Biologia.....	72
Figura 23. Cartaz de divulgação da oficina sobre Abordagens de Educação Sexual.....	73
Figura 24. Quantificação das expressões “gênero” e “sexualidade” presentes nos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC.....	78
Figura 25. Quantificação de alguns conteúdos presentes nos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC.	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Documentos que compõem o <i>corpus</i> de análise do trabalho.....	52
Quadro 2. Estrutura Geral dos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC, sendo evidenciado seu número de páginas totais e o espaço dedicado ao projeto de discussão de sexualidade.....	57
Quadro 3. Faixa etária dos educandos e níveis de ensino abarcados pelas atividades de Educação Sexual do PET/Biologia/UFSC.....	60
Quadro 4. Conteúdos presentes nos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC.....	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Periódicos, ano, volume e número de artigos de interesse encontrados na revisão sumário a sumário.....	45
Tabela 2. Evento, ano, edição e número de artigos de interesse encontrados na revisão sumário a sumário.....	45
Tabela 3. Quantificação de expressões presentes nos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC.....	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CAPES – Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis
- ECOS – Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana
- EF – Ensino Fundamental
- EI – Educação Infantil
- EM – Ensino Médio
- ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências
- ES – Ensino Superior
- GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
- HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana
- ISTs – Infecções Sexualmente Transmissíveis
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases
- LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, entre outros.
- LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
- MEC – Ministério da Educação
- NIGS – Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades
- PET – Programa de Educação Tutorial
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental
- PIBID – Programa de Iniciação à Docência
- PNE – Plano Nacional de Educação
- SCIELO – *Scientific Electronic Library Online*
- SESu/MEC – Secretaria de Educação Superior do Ministério de Educação
- SIGPET – Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial
- SUS – Sistema Único de Saúde
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
- UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PROBLEMAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E OUTRAS QUESTÕES QUE ME ATRAVESSAM.....	17
1 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: CONCEPÇÕES, HISTÓRICO E ABORDAGENS.....	23
1.1 EDUCAÇÃO SEXUAL: ENTRE TERMINOLOGIAS E CONCEPÇÕES.....	23
1.2 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS À BNCC.....	26
1.2.1 Educação Sexual no Brasil do século XX.....	26
1.2.2 Educação Sexual através de legislações educacionais.....	28
1.3. EDUCAÇÃO SEXUAL... MAS, QUAL?	33
1.3.1. Oito abordagens de Educação Sexual no Ocidente contemporâneo	34
1.3.2. Cinco abordagens advindas do estado da arte da Educação Sexual no Brasil (1980 a 1993).....	35
1.3.3. Modelos de Educação Sexual em práticas escolares.....	37
2 CONTEXTO DO OBJETO PESQUISADO.....	40
2.1 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) NO BRASIL.....	40
2.2 PET/BIOLOGIA/UFSC E O PROJETO “MIOLHE: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO”.....	42
3 METODOLOGIA.....	44
3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	44
3.2 ANÁLISE DE DOCUMENTOS.....	51
3.2.1 Caracterização dos documentos.....	52
3.2.2 Aspectos de análise.....	53
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	56
4.1 ESTRUTURA GERAL.....	56

4.1.1	Nome do projeto.....	56
4.1.2	Espaço dedicado ao projeto no documento.....	56
4.2	TERMINOLOGIAS UTILIZADAS PARA DESIGNAR	
	A DISCUSSÃO DE SEXUALIDADE	57
4.3	FAIXA ETÁRIA E NÍVEIS DE ENSINO	59
4.4	RESUMO DAS ATIVIDADES REALIZADAS.....	62
4.5	CONTEÚDOS PRESENTES.....	75
4.5.1	Descrição dos conteúdos.....	75
4.5.2	Análise quantitativa de alguns conteúdos.....	78
4.6	ABORDAGENS DE EDUCAÇÃO SEXUAL.....	81
4.6.1	Primeiro período do projeto (2008-2012).....	82
4.6.2	Segundo período do projeto (2013-2018).....	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
	REFERÊNCIAS.....	96
	APÊNDICE — Análises Quantitativas.....	102

INTRODUÇÃO: PROBLEMAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E OUTRAS QUESTÕES QUE ME ATRAVESSAM...

Tomando como desafio as palavras de Judith Butler na abertura do livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, inicio esta investigação evidenciando meu interesse na criação de problemas. E, como bem explanado pela autora, problema não precisa necessariamente ter uma “valência tão negativa” (BUTLER, 2017). Assumo essa produção ativa de problemas, entendendo-a como um comprometimento com a criação de questões e problematizações que nos movem, e que estão na base de todo o trabalho acadêmico e científico.

Ao longo da minha vida, fui tomado por problemas de gênero e sexualidade, principalmente estando inserido em uma sociedade cisheteronormativa, ou seja, onde há normalização da cisgeneridade e heterossexualidade¹ como únicas possibilidades de existência inteligíveis. Ao nascer nesse sistema, há prescrições que eu deveria seguir, uma vez que fui marcado no sexo masculino e, portanto, como homem². Então, as expectativas em relação aos estereótipos de masculinidade logo se chocaram com a realidade das minhas experiências de gênero e sexualidade, gerando problemas. E, particularmente nesse ponto, podemos trazer a palavra problema com toda a sua ambiguidade, para designar tanto as questões que me foram suscitadas a partir dessas situações, assim como os conflitos causados pela não conformidade ao *status quo*.

O presente estudo se insere num contexto brasileiro onde a produção de problemas, em especial os de gênero e sexualidade, mostra-se extremamente necessária. Diversos eventos ocorridos no país impulsionam minhas problematizações, ressaltando os motivos pelos quais eu devo continuar lutando. Desde investidas a uma educação inclusiva de gênero e sexualidade, justificada como preocupações acerca de uma suposta ideologia de gênero; ou ataques em rede nacional à Educação Sexual (especialmente Infantil), pelo então presidente da República³, sob falsas alegações de um suposto “Kit Gay” distribuído nas escolas brasileiras (COLETTA, 2018). Mais recentemente, a ministra da Mulher, da Família e dos

¹ Cisgêneros são pessoas que se identificam com o gênero atribuído no nascimento e Heterossexuais são aqueles que direcionam seu desejo afetivo-sexual para indivíduos de gênero oposto, dentro de um entendimento binário de gênero.

² Judith Butler (2017) em suas teorizações evidenciou a ligação existente entre uma matriz heterossexual com o alinhamento sexo-gênero-desejo/prática, onde gêneros inteligíveis são aqueles que mantêm coerência e continuidade entre essas categorias, como no exemplo: sexo masculino - homem - heterossexual.

³ Na entrevista, foi apresentado o livro “Aparelho Sexual e Cia.: um guia inusitado para crianças descoladas”, como constituindo o suposto Kit Gay, e que, segundo o presidente, fora distribuído nas escolas brasileiras pelo MEC. Prontamente, o Ministério da Educação desmentiu essas alegações.

Direitos Humanos, anunciou que uma nova Era chegou ao Brasil, onde “Meninas vestem Rosa e Meninos vestem Azul!”, reiterando, assim, uma posição de concordância com estereótipos de gênero, há muito tempo combatidos por uma educação inclusiva e de reconhecimento das diversidades .

Nesse sentido, posiciono-me resistindo a esses ataques conservadores e que procuram minar as diversidades, oferecendo apenas um ponto de vista possível de se vivenciar os corpos, gêneros e sexualidades. Como ressaltado anteriormente, gênero e sexualidade sempre foram questões importantes pra mim, o que fica claro em uma análise mais cuidadosa de meu percurso formativo, tal como apresento a seguir.

Ao lembrar minha trajetória na Educação Básica, percebo que os locais onde mais apareciam as discussões de gênero e sexualidade de forma sistematizada, eram as aulas de Ciências e de Biologia, o que já é reconhecido em diversas pesquisas (ALTMANN, 2009; COELHO; CAMPOS, 2013, 2015; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015; OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017; VIEIRA; MATSUKURA, 2017; FURLANETTO, et al., 2018). É claro que esse não era o único espaço da escola em que circulavam esses saberes, uma vez que gênero e sexualidade perpassam todo o ambiente escolar, ainda que nem sempre de forma intencional (LOURO, 2013a; WEREBE, 1998).

As aulas de Educação Sexual nesse período eram pautadas na discussão de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs)⁴ e gravidez na adolescência, principalmente. Além disso, partia-se do pressuposto de que todos na sala de aula eram heterossexuais, uma vez que essa era a tônica das explicações em torno dos processos envolvendo as questões de gênero e sexualidade. Desse modo, raramente eu me reconhecia nas discussões de sala de aula, as quais acabavam delimitando um campo de inteligibilidade, ou seja, delimitavam aquilo que era possível ou não ser, pautando-se pela cisheteronormatividade.

É nesse sentido que, apesar da responsabilização dos professores de Ciências e de Biologia quanto à Educação Sexual no ensino básico, frequentemente é relatada a precariedade nas suas formações (inicial e continuada) (SILVA; NETO, 2006; OLIVEIRA et al., 2017; VIEIRA; MATSUKURA, 2017) para abordarem a temática:

No Brasil, a carga de responsabilidade para tratar dos temas relacionados à Educação Sexual em sala de aula é usualmente delegada aos professores de ciências e biologia [...] Entretanto,

⁴ A partir de 2016, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, HIV/AIDS e das Hepatites Virais, passou a utilizar o termo Infecção Sexualmente Transmissível (IST) no lugar de Doença Sexualmente Transmissível (DST) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

esses profissionais não possuem, em sua formação, a carga de conhecimentos necessária para discutir a sexualidade com seus alunos fora do **discurso médico-biológico**. (DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015, p. 4, grifos meus)

Um dos problemas da formação em Educação Sexual dos professores de ciências e biologia, tal como ressaltado anteriormente, e apontada por inúmeras pesquisas, está relacionado à ausência de discussões amplas sobre a temática de sexualidade nos cursos superiores (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011; COELHO; CAMPOS, 2013, 2015; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015; OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017). Nessa situação, cria-se um entendimento de que a Educação Sexual se encerra em alguns aspectos anatomo-fisiológicos da sexualidade, bastando o tratamento de assuntos, como Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), Métodos Contraceptivos, Gravidez na Adolescência e Anatomofisiologia do Sistema Sexual⁵. Entretanto,

[...] trabalhar educação sexual engloba tratar sob vários aspectos a sexualidade, sendo, portanto, que o docente não deve se restringir apenas à vertente da abordagem biológico-higienista para tratar dessa temática com seus alunos, mas ele deve levar em consideração, quando for abordar esse assunto, as questões sociais e de direito, além daquelas relacionadas aos valores éticos, morais e culturais [...] (OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017, p. 7).

Como ressaltado anteriormente, as diversidades sexuais e de gênero, nessa postura de não tratar a sexualidade de forma ampla, são geralmente invisibilizadas dos cenários de formação em Educação Sexual e também das práticas em sala de aula na educação básica (FURLANI, 2008b; ALTMANN, 2013; COELHO; CAMPOS, 2013; 2015). Em relação à valorização das diversidades sexuais e de gênero na formação de professores, Furlani (2008b, p. 112) afirma que:

É imprescindível, a qualquer processo de educação e de formação de educadoras/es (que busca, honestamente, explicitar as desigualdades sociais), duvidar da norma, questionar as hegemonias, pôr em questão a moralidade conservadora, explicitar os mecanismos históricos e políticos que marcam “os diferentes” como significativamente “indesejáveis”.

Nesse sentido, outro desafio da formação em Educação Sexual está relacionado ao fato

⁵ Utilizo Sistema Sexual no lugar de Sistema Reprodutor, no sentido de retirar a finalidade compulsória da procriação (FURLANI, 2003).

de que, para que ela seja efetiva, é preciso tratar não apenas informações sobre sexualidade, mas trabalhar a reflexão e as questões de respeito ao outro. Deve-se levar em conta a formação global do professor, não apenas priorizar informações científicas, mas trabalhar a reflexão, inclusive enquanto mecanismo de autoconhecimento da própria sexualidade do professor:

Os condicionamentos sócio-político-culturais em relação à sexualidade e a carga de culpa introjetada por séculos nos seres humanos torna imprescindível a formação dos educadores para seu autoconhecimento e ampliação da sua visão de homem e mundo [...] Além disso, é preciso que a matéria seja incluída nos cursos de educação superior, a fim de diminuir a distância entre a formação e as exigências de atuação profissional. (SILVA, 2004, p. 33)

Em relação a isso, inúmeras pesquisas evidenciam que os professores têm dificuldade de tratar questões de gênero e sexualidade por questões socioculturais e pessoais, como sua religião, ou até mesmo por medo de represália dos familiares de alunos (ROHDEN, 2009; SOUZA, 2014; LIMA; GESSER; OLTRAMANI, 2015). Sendo assim, essas questões devem ser trabalhadas nos cenários de formação de professores, visando compreender como trabalhar esses limites. Além disso, pensar práticas pedagógicas que envolvam Educação Sexual também se mostra imprescindível quando se trata da formação do professor para abordagem dessa temática (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011; ROSSAROLLA et al., 2018).

Retornando ao meu processo formativo, destaco que entrei no curso de Ciências Biológicas na UFSC em 2014, carregando a vontade de discutir questões de gênero e sexualidade e percebi no curso, em termos das disciplinas cursadas, um vazio quanto a essas discussões, restringindo-se a uma ou outra iniciativa isolada. Relaciono essa minha experiência formativa com os achados de outros estudos que, através da análise de currículos de cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, evidenciaram a falta de disciplinas específicas sobre Educação Sexual (ZANELLA, 2018; OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017; ROSSAROLLA et al., 2018). Tal fato é preocupante, principalmente se considerarmos que “a ausência de disciplinas formadoras em sexualidade na Universidade dificulta o desenvolvimento de uma prática pedagógica transformadora no cotidiano escolar [...]” (OLIVEIRA et al., 2017, p. 8).

Foi então que em 2015 entrei no Programa de Educação Tutorial (PET/Biologia/UFSC), especificamente no projeto chamado na época de Educação em Sexualidade: Uma Nova Visão. A partir daí, atentei meu olhar para os espaços

extradisciplinares presentes no curso, de modo a perceber suas potencialidades formativas, não só em relação à Educação Sexual, mas em diversas outras questões.

Assim, grupos e/ou atividades específicas como aquelas oportunizadas pelo Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Educação Tutorial (PET), são espaços extradisciplinares que devem ser investigados enquanto potenciais para uma formação em Educação Sexual. Nesse sentido, há relatos na literatura evidenciando a importância desses programas na formação inicial de professores (BAZON; LUCCA, 2012; ALTMANN, 2013; FRISON, 2013; PIOTROWSKI, et al., 2013; SILVA, et al., 2017), incluindo aí a formação para abordagem da Educação Sexual nos cursos de biologia (MORYAMA; MAISTRO, 2013). A questão dos espaços extradisciplinares aqui tratados se baseia na ideia de atividades e estágios extradisciplinares presentes no Projeto Político Pedagógico dos Cursos de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entendidos “[...] como parte da formação profissional e como parte integrante do currículo do curso.” (UFSC, 2005, p. 4). Nesse sentido, a palavra extradisciplinar é entendida como espaços e tempos dentro do currículo, mas que não se constituem em disciplinas propriamente ditas.

Levando-se em conta a importância da reflexão na formação dos professores para o tratamento da Educação Sexual, e em especial a reflexão coletiva, torna-se interessante uma abordagem grupal dessa formação (SILVA; NETO, 2006). Assim sendo, reitera-se que grupos como PIBID e PET, são espaços extradisciplinares que devem ser investigados enquanto potencialidades em se tratando da formação em Educação Sexual. Além disso, em investigação recente, Zanella (2018) identificou alguns espaços onde circulavam discursos de gênero e sexualidade dentro do currículo da licenciatura em Ciências Biológicas (UFSC), evidenciando, além de algumas disciplinas, outros espaços extradisciplinares, como o PET/Biologia/UFSC, por exemplo.

Retornando à questão da Educação Sexual, ela pode ser concebida de formas distintas, existindo, portanto, diferentes abordagens reconhecidas de Educação Sexual. Sobre essa questão, diversos autores relatam que essas abordagens influenciam as práticas pedagógicas dos professores (FURLANI, 2005; FIGUEIRÓ, 2010, 2014; VIEIRA, MATSUKURA, 2017). Desta forma, compreender e evidenciar essas abordagens pode contribuir para que o educador sexual reflita sobre sua prática, na postura de “[...] identificar os fundamentos filosóficos e pedagógicos com os quais está comprometido e, então, efetivar mudanças significativas em sua atuação, se necessário.” (FIGUEIRÓ, 2010, p. 7).

Ao longo desses anos atuando no projeto de sexualidade do PET/Biologia/UFSC, pude perceber que em diferentes períodos, havia pautas, conteúdos e objetivos distintos. Por

exemplo, de 2015 a 2016 quando fiz parte do projeto, e na minha volta no fim do ano de 2017, percebi que as questões de sexualidade estavam sendo debatidas e pensadas de maneiras distintas. Foi a partir dessa primeira inquietação que nasceu a vontade de me aprofundar mais na história do projeto, investigando o trabalho de Educação Sexual realizado no PET/Biologia/UFSC.

Face ao exposto até aqui, o **objetivo geral** do presente estudo é caracterizar e analisar o panorama da Educação Sexual no Programa de Educação Tutorial dos cursos de Ciências Biológicas da UFSC. Para tanto, apresento como **objetivos específicos**:

- Identificar as terminologias utilizadas no PET/Biologia/UFSC para designar as discussões de sexualidade;
- Reconhecer as faixas etárias e níveis de ensino abarcados pelos trabalhos de Educação Sexual realizados no PET/Biologia/UFSC;
- Apresentar e analisar os conteúdos e as atividades do PET/Biologia/UFSC, em relação à Educação Sexual;
- Identificar e analisar abordagens de Educação Sexual presentes no programa;
- Contribuir para a reflexão e embasamento de futuras mudanças no PET/Biologia/UFSC, relacionadas às discussões da sexualidade.

Eventualmente, o presente estudo pode ser utilizado para refletir atuais e futuras modificações, e contribuir com reflexões (e autocríticas) no PET/Biologia/UFSC, mais especificamente no projeto chamado atualmente de “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”, que trata mais diretamente da Educação Sexual.

Além disso, como reconhecido por Ely e Pires (2007), as trajetórias dos grupos PET na UFSC carecem de sistematização e documentação, de modo a dar mais visibilidade às atividades oportunizadas pelo programa. Por isso, esta investigação também objetivou registrar as atividades realizadas pelo “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”, num período de onze anos (2008-2018), evidenciando parte do seu papel no contexto formativo dos Cursos de Ciências Biológicas da UFSC no que toca a Educação Sexual.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos principais: (1) **Educação Sexual no Brasil: breve histórico, concepções e abordagens**; (2) **Contexto do Objeto Pesquisado**; (3) **Metodologia**; (4) **Resultados e Discussão** e (5) **Considerações Finais**.

1 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO, CONCEPÇÕES E ABORDAGENS.

A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”. (Guacira Lopes Louro)

O presente capítulo divide-se em três seções principais: **(1) Educação Sexual: Entre Terminologias e Concepções** – aqui me posiciono quanto ao uso de terminologias e conceitos no campo teórico da Educação Sexual, adotados nesta investigação; **(2) Educação Sexual no Brasil: das primeiras experiências à BNCC** – aqui apresento um breve histórico acerca da implantação da Educação Sexual no Brasil, através de pesquisas e legislações educacionais; e **(3) Educação Sexual... Mas qual?** – nesta última seção caracterizo o panorama teórico referente às abordagens de Educação Sexual no Brasil recente.

1.1 EDUCAÇÃO SEXUAL: ENTRE TERMINOLOGIAS E CONCEPÇÕES

Ao longo dos anos, diversas terminologias foram utilizadas para se referir às aproximações entre educação e sexualidade. Há quem defenda o uso de Educação Sexual (GOLDBERG, 1982; GUIMARÃES, 1995; VITIELLO, 1995; FIGUEIRÓ, 1996; WEREBE, 1998; FURLANI, 2005; SOUZA, 2018), Orientação Sexual (BRASIL, 1998; SAYÃO, 1997), Educação para a Sexualidade (BORDINI, 2012; FILHA, 2017; MELO, 2017), entre outras terminologias.

Figueiró (1996a) fez um levantamento das terminologias utilizadas em livros, artigos, dissertações e teses da área, evidenciando confusões e até falta de clareza quanto aos seus usos. Para superar essa problemática, ela propõe a unificação das terminologias, priorizando o uso da expressão “Educação Sexual”, a qual já estava sendo adotada pela grande maioria de pesquisadores desse campo teórico e, além disso, é utilizada em quase todos os países (WEREBE, 1998). Além do mais, o termo orientação sexual⁶, ainda que utilizado por alguns educadores e pesquisadores, presta-se a certas ambiguidades, uma vez que também designa as orientações afetivo-sexuais das pessoas, enquanto heterossexuais, homossexuais, bissexuais, entre outras (WEREBE, 1998; ALTMANN, 2001).

Aconselhamento e informação sexual também são relatados como fazendo parte do rol

⁶ O Termo Orientação Sexual também está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), compondo um de seus Temas Transversais (BRASIL, 1998).

de termos possíveis para designar as discussões de sexualidade (VITIELLO, 1995; FIGUEIRÓ, 2010). No caso do termo informação sexual, ele centraliza a informação de fatos como caracterizando esse processo de discussão, o que já foi amplamente discutido no campo da Educação Sexual como algo falho, uma vez que apenas informações não se constituem isoladamente como um processo educativo (VITIELLO, 1995).

Nesse sentido, quanto ao uso do termo aconselhamento sexual, o autor relata que este processo se dá quando o aconselhando já conhece as várias opções e o conselheiro apenas o auxilia a tomar uma decisão (VITIELLO, 1995). Em síntese, ao defender o uso do termo Educação Sexual em detrimento a todas essas alternativas, o autor fala que:

Educar, finalmente, embora possa passar por informar, por orientar e por aconselhar, é mais do que a soma dessas partes isoladas. Educar no sentido mais amplo, significa “formar”, não na acepção de que o educando seja uma cópia do educador, mas sim na de que o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente. (VITIELLO, 1995, p. 18)

O termo Educação para a Sexualidade também aparece como uma alternativa ao uso de Educação Sexual, sendo considerado por alguns autores como um progresso em relação a este (FILHA, 2017; BORDINI, 2012), uma vez que o termo Educação Sexual supostamente possui traços higienistas e normalizantes, advindos de suas primeiras experiências (BRITZMAN, 1999):

[...] tenho utilizado o termo “educação para a(s) sexualidade(s)” em algumas de minhas práticas docentes, pois o considero fértil, especialmente para se pensar na ampliação do que se convencionou chamar de ‘educação sexual’, cujo foco esteve calcado nas questões biológicas, essencializadas e generalizantes, priorizando questões de anticoncepção e de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis – DSTs. (FILHA, 2017, p. 30)

Entretanto, ainda que o termo Educação para a Sexualidade compreenda um processo amplo de discussão da sexualidade e esteja muito à frente de expressões como Orientação, Instrução e Aconselhamento Sexual, concordo com Figueiró (2010), quando a mesma propõe a unificação das terminologias, com vistas à solidificação do campo de estudos. Em relação a essa questão de nomenclaturas e ao desgaste do termo Educação Sexual:

Vale ressaltar a relevância de assumir o termo “Educação Sexual” como um posicionamento político de questionamento e problematização das abordagens estritamente biológicas.[...] Embora

“Educação Sexual” seja um termo/conceito contestado, existem possibilidades de ressignificar os discursos que marcaram sua abordagem, então **não seria mais produtivo problematizar o essencialismo biológico vinculado aos seus saberes e suas práticas ao invés de substituí-lo?** (SOUZA, 2018, p. 45, grifos meus)

Desse modo, no presente estudo utilizarei o termo Educação Sexual, partindo do entendimento que:

O termo educação sexual é mais adequado, na medida em que abre espaço para que a pessoa que aprende seja considerada como sujeito ativo do processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimentos e/ou de orientações, como sugerem as outras terminologias: orientação, informação, instrução... Estas últimas denotam destaque na ação do professor. (FIGUEIRÓ, 1996, p. 291)

Além disso, faz-se necessário apresentar qual (is) o(s) conceito(s) de Educação Sexual adotarei no presente trabalho. Isso porque, em muitas pesquisas do campo teórico da Educação Sexual, ocorrem problemas de falta de conceituação de termos e mistura de nomenclaturas, sem sua devida diferenciação (SILVA, 2004; FIGUEIRÓ, 2010). Um conceito possível do termo Educação Sexual, elaborado por Figueiró (2010, p. 3), evidencia esse processo como “[...] toda ação de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual.” (FIGUEIRÓ, 2010, p. 3)

Ainda que esse conceito tenha sido relevante para delimitar um entendimento de Educação Sexual, a própria autora alerta quanto à sua limitação, no sentido de que ele foi elaborado com fins de coleta bibliográfica para o estado da arte da Educação Sexual nas produções acadêmico-científicas no Brasil (1980-1993). O fato é que a Educação Sexual deve ser percebida como parte integrante da formação global do indivíduo, não podendo ser separada desta (WEREBE, 1998; SILVA, 2004; FIGUEIRÓ, 1996b, 2010). Sendo assim, de forma alternativa, apresento o conceito de Educação Sexual sistematizado por Werebe (1998): “A educação sexual compreende todas ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade.” (WEREBE, 1998, p. 139). Pelo fato desse conceito apresentar a Educação Sexual de forma mais ampla, facilita o entendimento de que esse processo deve ser pensado junto à formação global do educando.

Além de conceituar o termo, a autora ainda o classifica em **Educação Sexual formal**

(ou intencional)⁷, compreendendo as intervenções sistemáticas e planejadas, em relação à sexualidade dos educandos, dentro ou fora da escola; e a **Educação Sexual informal**, sendo este um processo não sistemático, não intencional, englobando ações que interferem em aspectos da sexualidade dos indivíduos, podendo ocorrer dentro ou fora do ambiente escolar (WEREBE, 1998). Tal classificação se mostra muito importante, principalmente se considerarmos que grande parte das pesquisas no campo da Educação Sexual adota, implícita ou explicitamente, essa separação (FIGUEIRÓ, 2014).

Ainda no tocante à expressão Educação Sexual, Guimarães (1995) o utiliza, mas acaba não desenvolvendo seu conceito. Em contraponto, no livro “Educação Sexual: uma proposta, um desafio”, Goldberg (1982) apresenta a Educação Sexual como um caminho para vivência positiva da sexualidade dos indivíduos e formação de cidadãos críticos e ativamente atuantes em luta, visando a transformação das relações sociais em torno da sexualidade. Nesse sentido, a autora ressalta que: “[...] aceitar o convite para participar de uma Educação Sexual como luta , equivale a aceitar o desafio de participar de uma prática de LIBERTAÇÃO para si e para sua sociedade, ampliando assim a margem de LIBERDADE PESSOAL, SOCIAL e HISTÓRICA.” (GOLDBERG, 1982, p. 83)

Tendo em vista que a todo o momento estou tratando das tensões entre sexualidade e educação, tratada aqui sob a terminologia de Educação Sexual, faz-se necessário evidenciar o entendimento de sexualidade de perpassa esta investigação. Dessa maneira, utilizo o conceito de sexualidade discutido por Figueiró (2018), quando a autora buscou diferenciar o ato sexual da sexualidade em si, evidenciando que esta:

[...] abrange o sexo, porém, também: a comunicação, o afeto, o toque ou carícia, o amor e as regras sociais e culturais criadas em torno do comportamento sexual [...] Faz parte, ainda, da sexualidade, o gênero, a identidade sexual, a identidade de gênero e a orientação sexual. (FIGUEIRÓ, 2018, p. 22)

1.2 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS À BNCC

1.2.1. Educação Sexual no Brasil do século XX

No início do século XX, entre as décadas de 1920 e 1930, nasce a preocupação de tratar Educação Sexual com os jovens no Brasil (GUIMARÃES, 1995; SAYÃO, 1997). Essas

⁷ No contexto dessa pesquisa, utilizarei tal classificação, entretanto, para não tornar a leitura morosa, tratarei Educação Sexual formal (intencional) apenas como Educação Sexual, já que ela aparece muitas vezes. E, nos momentos pontuais de tratar as intervenções não intencionais exercidas no campo da sexualidade, será empregado o termo Educação Sexual informal.

primeiras experiências educacionais da Educação Sexual brasileira eram focadas em pressupostos médico-higienistas e eugênicos, priorizando abordagens de “higiene pessoal e moral” dos cidadãos e questões como a “pureza racial” (CÉSAR, 2009). Desse modo,

Talvez seja possível dizer que, no âmbito escolar, embora não explícito e materializado nos currículos escolares como uma política educacional, os primeiros anos do século XX evidenciavam "um tipo" de preocupação sexual. A Educação Sexual da época era baseada em ideias que associavam a "saúde pública" ao desenvolvimento de uma "moral sadia" e se caracterizava por uma visão higienista e médica, pelo combate explícito à masturbação e às doenças venéreas, e pelo preparo da mulher para assumir o papel de mãe e esposa. (FURLANI, 2008a, p. 293)

Segundo César (2009), a segunda “onda” da Educação Sexual no Brasil deu-se no início dos anos 1960, quando surgiram diversos projetos pedagógicos espalhados pelo país, os quais pautavam questões emergentes das lutas de minorias sociais, como os movimentos gay, lésbico e feminista (FURLANI, 2008a). Werebe (1978), em suas investigações acerca da implantação da Educação Sexual no Brasil, também reconhece a década de 60 como um período favorável a essas experiências, uma vez que havia um clima de renovação pedagógica no cenário brasileiro: “Esta situação levou a deputada federal, Sra. Julia Steimbruck a apresentar, em 1968, um projeto de lei propondo a introdução obrigatória da educação sexual em todas as escolas de nível primário e secundário do país.” (WEREBE, 1978, p. 21).

Essa nova “onda” termina com o início da ditadura militar brasileira em 1964, que suprimiu esse movimento, instaurando um regime conservador e moralizante no país. Tamanha foi a repressão à Educação Sexual no período militar que ela se tornou um dos símbolos da resistência a esse regime, visando a redemocratização do Brasil (CÉSAR, 2009).

Figueiró (2010) destaca que “se tomarmos como ponto de partida a história política e econômica do Brasil, veremos que a escassez de publicações sobre o tema na década de 1970, justifica-se pela forte repressão político-cultural pela qual passava a sociedade brasileira sob total dependência da ditadura militar.” (p. 4-5). Nesse sentido, o primeiro estudo sobre Educação Sexual nas escolas brasileiras ocorreu apenas em 1977, sendo uma dissertação de mestrado da UNICAMP (SILVA; NETO, 2006). Ainda em relação a essa onda de repressão:

Em 1978, o Ministério da Educação e Cultura manifesta-se contrariamente à Educação Sexual no espaço escolar e só em 1992, preocupado com o crescente aumento da AIDS, propõe a implantação, manutenção e/ou ampliação de **projeto educativo de prevenção à AIDS** nas redes oficiais e privadas de ensino em todos

os níveis, o que é iniciado nos anos seguintes. No entanto, a preocupação não é com a Educação Sexual em si, mas com a **epidemiologia da doença**. (SILVA; NETO, 2006, p. 2, grifos meus)

Como destacado acima, a epidemia de HIV/AIDS ocorrida no fim dos anos 1980, fez com que o governo brasileiro se preocupasse mais seriamente com a Educação Sexual no país. Nesse sentido, tanto a epidemia de HIV/AIDS quanto o aumento de casos de gravidez na adolescência, ocorridos no fim do século XX, foram de suma importância para a inclusão da Educação Sexual nos currículos das escolas brasileiras (FURLANI, 2008a). Só que dessa vez, longe de estar vinculada aos movimentos de lutas sociais, ela é perpassada por um caráter médico e preventivo. As escolas passaram a pautar em seus projetos de Educação Sexual as temáticas de HIV/AIDS, gravidez na adolescência e uso de drogas, o que torna mais evidente essa lógica de supostos problemas que devem ser prevenidos (CÉSAR, 2009).

É nesse sentido que, uma visão de Educação Sexual em um sentido de prevenção muitas vezes acaba negando a sexualidade infantil:

Há uma negação da sexualidade infantil, pois algumas pesquisas mostram que os professores/educadores consideram as crianças de faixas escolares mais baixas como pequenas, inocentes, sem malícia, de quem as questões sexuais devem ser ocultadas. Como a imagem da AIDS é incompatível com esta imagem da criança, esta é desprivilegiada nas ações de prevenção da doença (SILVA, 2004, 124-125).

Uma das consequências desse entendimento de Educação Sexual se reflete na própria produção acadêmica da área de Educação Sexual e formação de educadores, onde há baixa expressividade de trabalhos que se voltam à Educação Infantil e aos primeiros anos do Ensino Fundamental (SILVA, 2004). Em suas análises da Educação Sexual realizadas nas escolas brasileiras, Furlanetto e colaboradores (2018) também evidenciaram o apagamento dessas discussões nas séries iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que não encontraram pesquisas que abordavam esse nível de ensino.

1.2.2. Educação Sexual em documentos educacionais brasileiros

O marco da reinserção da Educação Sexual nos currículos das escolas brasileiras foi a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ocorrido no fim dos anos 1990, sob o nome “Orientação Sexual”, que é um dos sete Temas Transversais (BRASIL, 1998; ALTMANN, 2001). Ainda que a nomenclatura mais utilizada entre os pesquisadores da área antes da publicação dos PCN fosse Educação Sexual, elencou-se o termo Orientação Sexual

para compor tal documentação (FIGUEIRÓ, 1996a; SILVA, 2004; FURLANI, 2005). Entre os motivos para tal posição, destacam-se dois aspectos:

Primeiro, em relação a essa aceitação rápida (e, muitas vezes “passiva”) do termo “orientação sexual”, ela parece que explicitou o **desgaste pedagógico de uma “Educação Sexual”**, até então, evidenciada por um caráter excessivamente biológico, médico, higienista e moralista, sobretudo, no âmbito escolar [...] Segundo aspecto (e talvez, o principal)...Penso que a mudança explicitou a **força política do Grupo GTPOS**⁸, tanto na adoção do termo por educadores/as, quanto na sua inclusão numa política pública federal de educação, através dos PCN, o que possibilitou uma dispersão nacional e uma aceitação escolar, para muitos/as sem quaisquer resistências, reflexão e/ou questionamentos. (FURLANI, 2005, p. 196, grifos meus)

Alguns educadores do GTPOS participaram de forma direta da elaboração dos PCN, tendo influenciado na adoção da terminologia Orientação Sexual (FURLANI, 2005). No “Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia”, produzido pelo grupo, percebe-se que orientação sexual é entendida enquanto o trabalho sistematizado pelas escolas e deriva do termo Orientação Educacional, sendo a Educação Sexual considerada um processo informal que ocorre na vida dos indivíduos (SILVA, 2004). Sendo assim, a maioria das pesquisas no campo teórico da Educação Sexual não foram levadas em consideração, as quais já afirmavam há muito tempo a importância do uso do termo Educação Sexual frente aos outros que surgiram para dar conta da aproximação entre educação e sexualidade.

Quanto à estrutura dos PCN, o documento é dividido em uma parte disciplinar e outra compreendendo os temas transversais. Esses temas transversais abarcam questões sociais que, dada sua complexidade, deveriam ser tratadas ao longo dos ciclos de escolarização distribuídos pelas disciplinas (BRASIL, 1998). Em outras palavras, a transversalidade “[...] implica em que o tema seja abordado de forma que os objetivos e conteúdos sejam contemplados pelas diversas áreas do conhecimento, impregnando toda a prática educativa.” (SILVA, 2004, p. 18)

Em sua análise dos PCN, mais especificamente o caderno de Orientação Sexual, Altmann (2001) destaca alguns limites presentes no texto, como o entendimento que a sexualidade é um dado natural, e desse modo “ela é vista sob o ponto de vista biológico, atrelada às funções hormonais.” (ALTMANN, 2001, p. 581). A autora ainda afirma que,

⁸ GTPOS é a sigla de Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, que surgiu em São Paulo, no ano de 1986. Em 1994 o grupo, junto a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) e ao Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS), publicou o “Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia”, o qual foi distribuído às escolas ainda no mesmo ano (SILVA, 2004).

quando há alguma dimensão histórica da sexualidade sendo discutida no documento, ela é tratada como uma construção sob bases naturalmente dadas. Nesse sentido,

Ainda que o documento admita manifestações diversificadas da sexualidade, ele não problematiza a categoria sexualidade sob o ponto de vista de sua constituição histórica, da mesma forma que em relação a outras categorias, como homossexualidade e heterossexualidade. (ALTMANN, 2001, p. 581)

Além disso, nesse documento fica claro que a potencialidade erótica do corpo dos adolescentes é centrada nos genitais, e as experiências na infância possuem um caráter pré-genital e meramente exploratório (ALTMANN, 2001). Dessa forma, apenas as experiências de jovens e adultos se tornam pertinentes, obscurecendo parte da sexualidade infantil.

Contudo, apesar dos vários limites identificados em tal legislação, Mohr (2002), ao analisar de modo comparativo os cadernos de Saúde, Meio Ambiente e Orientação Sexual, ressalta aspectos positivos deste último, em relação aos dois primeiros, no sentido de que:

Enquanto que Saúde e Educação Ambiental são propostas como maneira de desenvolver, principalmente atitudes, hábitos, comportamentos e procedimentos, fazendo inclusive da escola um importante campo da prática dessas vivências, o texto de Orientação Sexual sublinha, corretamente no meu ponto de vista, mais a função de fornecer informações para que o aluno possa realizar uma escolha autônoma, inclusive libertando-se de tabus, tradições familiares ou normas impostas pela sociedade. (MOHR, 2002, p. 73)

Além disso, os PCN visam superar algumas problemáticas concernentes à Educação Sexual que assolavam – ou assolam – o cenário pedagógico brasileiro:

Penso que uma das maiores contribuições do PCN é ter favorecido para que emergisse uma nova visão de Educação Sexual: a que pode ser feita pelos próprios professores das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Um trabalho com maior chance de ser mais efetivo do que a alternativa de **palestras esporádicas, feitas por profissionais convidados**, por muito tempo adotado em nosso país. (FIGUEIRÓ, 2010, p. 115, grifos meus)

Como destacado no trecho acima, uma das características das intervenções de Educação Sexual nas escolas, até então, dava-se por palestras de caráter pontual e por agentes externos à escola. Nesse sentido, ainda que os PCN auxiliassem a colocar essa questão em voga, algumas pesquisas ainda apontam essas características de intervenções pontuais e

atuação de profissionais externos ao ambiente escolar, em se tratando da Educação Sexual (SILVA, 2006; MAISTRO; ARRUDA; JÚNIOR, 2009; FURLANETTO, 2018). Em relação a essa questão, Maistro, Arruda e Júnior (2009, p. 5) afirmam que:

Tais convidados não conhecem o contexto particular da instituição; trata-se de atuações pontuais, que certamente alcançam algum êxito o qual, aos poucos, vai se diluindo e se perdendo no tempo, por não originar-se de um processo. São os professores ou orientadores que se constituem interlocutores confiáveis para as questões da sexualidade; pois o trabalho do dia-a-dia é realizado por eles, são eles que mantêm com os alunos uma relação de proximidade, são eles que podem contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade.

Além disso, ainda que os PCN apresentem a Educação Sexual como um espaço possível de debate nas escolas, em relação aos professores, “[...] sua grande lacuna está em não garantir o espaço coletivo reflexivo e continuado da formação, que possibilite a interação entre o pessoal e o profissional.” (SILVA; NETO, 2006).

Em relação às diversidades sexuais e de gênero na formação dos professores, o programa “Brasil sem Homofobia”, criado em 2004, é pensado como forma de atenção a esses profissionais de educação, quanto ao tratamento dessas questões (ALTMANN, 2013). Essa iniciativa visa “[...] promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas.” (BRASIL, 2004, p. 11).

Em um de seus onze eixos, nomeado “Direito à Educação: promovendo valores de respeito à paz e à não discriminação por orientação sexual”, dois pontos são voltados ao professor e sua formação, onde objetiva-se: “[...] fomentar e apoiar curso de formação inicial e continuada de professores na área da sexualidade; apoiar e divulgar a produção de materiais específicos para a formação de professores.” (BRASIL, 2004, p. 22). O documento avançou em diversos aspectos sobre as questões de gênero e sexualidade, entretanto, após sete anos de atuação, foi descontinuado em 2011.

No âmbito de legislações que tratam sobre a formação de professores, foram lançadas em 2015, as Diretrizes Curriculares Nacionais para formação inicial em nível superior. Nelas, explicita-se a necessidade de articulação entre a educação básica e superior para a formação de professores, a qual deveria contemplar, por exemplo, “[...] as questões socioambientais, éticas, estéticas e **relativas à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual**, religiosa, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade.” (BRASIL, 2015, p. 5, grifos meus).

Nesse sentido, tal legislação reconhece a necessidade de se tratar das diversidades sexuais e de gênero na formação inicial e continuada dos professores. Outro trecho dessas diretrizes, referente aos cursos de licenciatura do ensino superior, alerta que:

Os cursos de formação deverão garantir nos currículos conteúdos específicos da respectiva área de conhecimento ou interdisciplinares, seus fundamentos e metodologias, bem como conteúdos relacionados aos fundamentos da educação, formação na área de políticas públicas e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual [...] (BRASIL, 2015, p. 11).

Ainda no ano de 2015, iniciam-se as discussões e a redação da primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em maio de 2016, é liberada a segunda versão da BNCC, sendo que em abril de 2017, a terceira versão aparece disponibilizada, mas com alterações em relação à versão anterior, como a supressão das expressões “gênero” e “orientação sexual” (SANTOS 2017; FURLANETTO et al., 2018; SALGADO; SOUZA; WILLMS, 2018). Tal como ocorreu com o Plano Nacional de Educação- PNE (2014-2024) houve pressão de setores fundamentalistas da sociedade, como, por exemplo, a chamada bancada evangélica, resultando na supressão dessas discussões no documento. As legislações citadas neste capítulo encontram-se representadas na figura 1.

Figura 1. Representação esquemática de marcos legislativos citados neste trabalho, em relação à Educação Sexual escolar brasileira.



Fonte: elaboração do autor (2019)

Tais ausências legislativas podem ter implicações sérias quando se trata dos cenários

de formação de professores, pois “ao retirar determinadas palavras e expressões das legislações, se imprime o que se deve ou não falar, o que é ou não preciso dizer sobre determinados assuntos na escola e, conseqüentemente, na formação de docentes.” (GROFF; MAHEIRIE; MENDES, 2015, p. 1436-37). Portanto, tendo em vista o caráter obrigatório da BNCC, sua atuação direta na formação de professores e, levando em conta essas exclusões de temas tão importantes à Educação Sexual, cada vez mais se faz necessária a criação de mecanismos pedagógicos de resistência a essas iniciativas conservadoras, no sentido de garantir uma Educação Sexual que pautas as diversidades sexuais e de gênero.

1.3 EDUCAÇÃO SEXUAL... MAS, QUAL?

Além da questão de terminologias e concepções, é necessário ressaltar que o trabalho de Educação Sexual pode estar ancorado em diferentes fundamentos metodológicos, pedagógicos ou filosóficos, existindo diferentes abordagens de Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 2014). Dessa maneira, o reconhecimento dessas várias abordagens pode auxiliar o educador sexual a repensar suas práticas, na medida em que ele passa a compreender os fundamentos que perpassam seu trabalho em Educação Sexual, podendo, inclusive, efetuar mudanças nele (FIGUEIRÓ, 2010).

Em suma, essas abordagens são de extrema importância, principalmente porque, em algum nível, elas acabam influenciando “[...] a prática docente e o perfil da/o professora/or que pensará, planejará e desenvolverá essa educação sexual.” (FURLANI, 2011, p. 15). Assim, fica evidente que elas têm uma implicação direta na formação dos professores para abordagem de Educação Sexual, e que se faz necessário ter consciência dessas abordagens nos processos formativos. Principalmente no contexto formativo dos professores de Ciências e de Biologia, os quais são considerados os responsáveis por tratar a temática na educação básica (ALTMANN, 2009; COELHO; CAMPOS, 2013, 2015; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015; OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017; VIEIRA; MATSUKURA, 2017; FURLANETTO, et al., 2018).

A seguir, sintetizo um panorama teórico construído na presente investigação, em relação às principais abordagens de Educação Sexual no Brasil recente. Esse panorama tem base em quatro autores principais: Furlani (2005)(2011); Figueiró (1996b)(2010)(2014); e Vieira e Matsukura (2017). Entretanto, ainda que essas Abordagens e Modelos de Educação Sexual tenham sido escolhidas para compor o panorama teórico deste estudo, existem várias outras abordagens de Educação Sexual que não foram aqui contempladas seja pelo recorte desta investigação, ou por questões de divergência teórica.

1.3.1. Oito abordagens de Educação Sexual no Ocidente contemporâneo

Em sua tese, Furlani (2005) analisou livros paradidáticos infantis de modo a captar a produção de significados e representações quanto à gênero e sexualidade nesses artefatos pedagógicos, voltados à Educação Sexual na infância. Entre os apontamentos feitos pela autora, encontra-se o mapeamento das representações de Educação Sexual no ocidente contemporâneo, as quais repercutem nos cenários pedagógicos brasileiros. A seguir, sintetizo cada uma dessas oito abordagens, tendo por base os textos de Furlani (2005, 2011):

a) Abordagem biológico-higienista: é aquela que dá enfoque à biologia essencialista, ou seja, explica conteúdos utilizando como perspectiva única o determinismo biológico. Esta abordagem é centrada nos seguintes temas: Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), gravidez na adolescência, planejamento familiar e reprodução humana.

b) Abordagem moral-tradicionalista: baseada na ideia de que a família é quem deve exclusivamente realizar Educação Sexual. Utiliza e incentiva a ideia e a prática da abstinência sexual como ferramenta pedagógica, desencorajando o ensino de métodos contraceptivos, sendo que, quando este ocorre, é feito de modo a enfatizar suas falhas. É uma abordagem de viés conservador, pois visa à manutenção dos papéis sexuais fixos e tradicionais, e estimula a castidade até o casamento. Por fim, é preciso ressaltar que esta abordagem prega a intolerância de gênero, de orientação sexual, de classe e étnica.

c) Abordagem terapêutica: está voltada a encontrar possíveis causas para o que a sociedade considera como desvios sexuais. Tentam fornecer explicações supostamente universais sobre essas ditas anormalidades, as quais geralmente têm cunho psicológico.

d) Abordagem religioso-radical: é formada pelo discurso único construído com base na interpretação literal da Bíblia. Nela, tem-se o que seria considerada uma verdade absoluta da sexualidade humana, tal como uma ética sexual a ser seguida. Esta abordagem, assim como as duas anteriores (moral-tradicionalista e terapêutica), assemelham-se, no sentido de que são constituídas por aspectos religiosos e conservadores.

e) Abordagem dos direitos humanos: é a que pensa os direitos como universais para todos os seres humanos, além de contestar essa suposta universalização de ser humano que persistiu por muitos anos, o que propiciou a abertura para pensar outros sujeitos que antes não eram

abarcados nesse escopo de ser humano. Ela parte do princípio de que certos grupos de pessoas historicamente oprimidos, tiveram (e têm) seus direitos cerceados e, portanto, deve-se trabalhar no sentido da inclusão social e garantia de direitos para tais grupos.

f) Abordagem dos direitos sexuais: baseada na declaração dos direitos sexuais. Essa documentação foi elaborada e aprovada no fim da década de 1990 no 13º Congresso Mundial de Sexologia. Essa declaração reafirma, entre vários pontos, a importância de informações baseadas em investigações científicas e o direito à Educação Sexual integral, entendendo-o como um processo vitalício. Além do que, evidencia que todas as pessoas devem ter seus direitos à liberdade, autonomia, equidade, prazer e expressão sexuais respeitados.

g) Abordagem emancipatória: tem como referência a pedagogia libertadora de Paulo Freire, onde “as ideias freireanas serviram de inspiração às lutas por uma sociedade brasileira mais consciente e menos desigual... Uma teoria indissociada de uma prática política por mudança.” (FURLANI, 2005, p. 226). Essa concepção de educação sexual objetiva à emancipação dos sujeitos, através da problematização de suas realidades, e não apenas reproduzindo conteúdos de forma passiva. Ela se fundamenta na expansão da consciência dos sujeitos em relação às opressões que sofrem, estimulando uma postura crítica e de transformação social.

h) Abordagem *queer*: essa abordagem nasce da aproximação inusitada entre teoria *queer*⁹ e educação. Essa junção é colocada em dúvida, principalmente pelo caráter questionador e provocativo da teoria *queer*, a qual não se adequa às normatizações - mesmo as educacionais. O *queer* não traz propostas, nem dá sugestões, ao invés disso, instiga que sejam feitas mais perguntas, para se pensar aquilo que até pouco tempo parecia ininteligível, como as múltiplas identidades de gênero e sexualidade, marginalizadas por uma sociedade cisheteronormativa.

1.3.2. Cinco abordagens advindas do estado da arte da Educação Sexual no Brasil (1980 a 1993)

Figueiró (1996b, 2010, 2014) fez o estado da arte da Educação Sexual no Brasil, com foco nas produções acadêmico-científicas brasileiras, no período de 1980 a 1993. A partir de

⁹ A Teoria *Queer* nasce na década de 1990, a partir da crítica à heteronormatividade e aos movimentos de políticas identitárias, homossexual e feminista. Como uma política pós-identitária, o *queer* se refere ao estranho, excêntrico, e é utilizado no contexto dessa teoria com um tom irônico, já que esse termo foi utilizado pejorativamente por muitos anos, para designar os desviantes de gênero e sexualidade. Em suma, “*queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.” (LOURO, 2013b, p. 39).

suas análises, foram identificadas cinco abordagens de Educação Sexual:

a) Religiosa Tradicional (Protestante ou Católica): As abordagens religiosas tradicionais protestantes e católicas possuem muitas similaridades. Ambas buscam a preservação dos valores morais cristãos; vinculam o ato sexual com o casamento, para fins procriativos; tomam o matrimônio e a castidade como as únicas formas legítimas de vivenciar a sexualidade; além disso, secundariza as informações sobre conteúdos que envolvem sexualidade. No caso da Abordagem Religiosa Tradicional Protestante, há submissão às mensagens bíblicas, enquanto na Abordagem Religiosa Tradicional Católica às normas oficiais da Igreja Católica.¹⁰

b) Religiosa Libertadora (Protestante ou Católica): Nessas abordagens coloca-se a vivência da sexualidade ligada ao amor a Deus e ao próximo; busca-se conservar valores cristãos fundamentais e conscientizar para a transformação social. Ao contrário das abordagens tradicionais, há maior valorização das informações acerca dos conteúdos de sexualidade.

c) Médica: A abordagem médica privilegia o fornecimento de informações sobre a sexualidade humana, com vistas à prevenção de ISTs e gravidez na adolescência, por exemplo. Além disso, visa assegurar a promoção da saúde e direitos sexuais do indivíduo e da coletividade.

d) Pedagógica: Focada no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos concernentes à sexualidade humana, valorizando aspectos informativos, mas também podendo enfatizar os formativos. Nesse tipo de abordagem há uma intencionalidade em discutir tabus, sentimentos, dúvidas e preconceitos, direcionando a reformulação de valores e atitudes para o nível individual.

e) Emancipatória: Anteriormente denominada Abordagem Política (FIGUEIRÓ, 1996b), ela reconhece a Educação Sexual como instrumento de transformação social. Nela, prega-se o respeito às diversidades e a valorização dos direitos sexuais e reprodutivos, assim como da

¹⁰ Além dessa classificação, a autora se baseia no teólogo Durand (1989), e passa a dividir a abordagem tradicional em **conservadora** quando há submissão total às regras religiosas estabelecidas, ou **questionadora** quando ocorre certa adaptação das normas religiosas ao contexto sócio-histórico de cada época .

saúde sexual. Ainda, prioriza aspectos informativos e formativos, no sentido de propiciar discussões acerca de relações de poder na sociedade, valores e atitudes, os quais estão ligados à sexualidade. Por fim, visa expor a construção social das normas sexuais, desnaturalizando-as e abrindo espaço para pensar sua transformação, numa perspectiva tanto individual quanto coletiva.

Figueiró (1996b, 2010) defende abertamente seu comprometimento teórico com a Abordagem Emancipatória de Educação Sexual, a qual foi primeiramente estabelecida por Goldberg (1982), no livro “Educação Sexual: uma proposta, um desafio”, considerado um clássico no campo de estudos da Educação Sexual:

Sem deixar de lado a relevância de vários objetivos inerentes a cada uma das abordagens de Educação Sexual, pretende-se aqui alertar para a necessidade de que as produções científicas brasileiras sobre Educação Sexual, assim como a prática cotidiana, comprometam-se mais com a abordagem política (ou liberadora, caso o enfoque seja religioso), reconhecendo nela, também, um instrumento de transformação social. (FIGUEIRÓ, 1996b, p. 60)

Após essa breve explanação acerca de algumas abordagens de Educação Sexual, pontuo que há elementos nas diversas abordagens com os quais me alinho teoricamente e embasam minhas teorizações aqui empreendidas. Em relação à Abordagem Emancipatória (GOLDBERG, 1982; FIGUEIRÓ, 1996b), por exemplo, considero importante sua visão revolucionária, de entender a Educação Sexual como possibilidade de transformação das relações de desigualdades sociais relacionadas às questões de sexualidade, olhando para além do indivíduo aluno, mas também levando em consideração seu contexto.

Nesse sentido, também considero frutíferas as Abordagens dos Direitos Humanos e Direitos Sexuais (FURLANI, 2005), as quais tomam uma posição de questionar silenciamentos historicamente construídos acerca de populações exploradas, trabalhando no sentido oposto dessa exploração, numa postura de reconhecimento de seus direitos negados há muito. Além dessas, a Abordagem Queer (FURLANI, 2005), que têm caráter subversivo, questionador e até perturbador da ordem, parece-me produtiva em termos de pensar uma Educação Sexual que fuja de prescrições e questione suas próprias proposições, abalando verdades absolutas e respostas prontas nos processos educativos.

1.3.3. Modelos de Educação Sexual em práticas escolares

Além das abordagens mencionadas acima, mais recentemente, Vieira e Matsukura (2017) descreveram dois modelos de Educação Sexual presentes em dez escolas públicas de São Paulo, através da entrevista com professores acerca de suas práticas em Educação Sexual. Os modelos foram denominados: **Biológico-Centrado e Preventivo** e **Biopsicossocial** (VIEIRA; MATSUKURA, 2017):

- a) **Biológico-Centrado e Preventivo:** É o modelo de Educação Sexual onde predomina uma visão unicamente biológica sobre a sexualidade. Nesse sentido, priorizam-se questões fisiológicas e anatômicas do sistema reprodutor¹¹, assim como prevenção a ISTs/HIV e gravidez na adolescência. Os demais aspectos que envolvem a sexualidade, como os sociais e psicológicos, são secundarizados ou nem fazem parte dos conteúdos, como é o caso de discussões sobre valores, sentimentos e prazer. Em suma, o principal objetivo é informar para a aquisição de uma postura preventiva.

- b) **Biopsicossocial:** Nesse modelo, coexistem visões biológicas, psicológicas e sociais, tratando-se a sexualidade de forma mais ampla. Desse modo, são trabalhados além dos aspectos biológicos, que são importantes para as práticas em Educação Sexual, questões sociais e subjetivas, tais como as diversidades sexuais e de gênero e as discussões sobre valores e tabus que envolvem a sexualidade humana.

O tipo de separação empregada neste trabalho de Vieira e Matsukura (2017), onde são colocadas questões biológicas, psicológicas e sociais, em certa medida, acaba tomando essas dimensões como únicas, ou seja, invisibilizam a existência de múltiplas biologias, assim como dificultam o entendimento de que há diversos enfoques dentro da psicologia e mesmo sociologia. Ainda assim, utilizo os modelos identificados pelas autoras por entender que estes fornecem alguns elementos interessantes para se pensar vários aspectos sobre a Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC.

Nesse sentido, quando se trata do uso de expressões como, por exemplo, “biologizante”, deve-se repensar no que de fato estamos tentando criticar: uma abordagem ou perspectiva restrita dentro da biologia ou a biologia como campo de conhecimento, o qual é mais amplo que essas abordagens reducionistas. Desse modo, há trabalhos atualmente que evidenciam que a Biologia pode ser pensada de diferentes perspectivas, como evidenciado

¹¹ Ainda que eu me alinhe à nomenclatura Sistema Sexual (FURLANI, 2003) ao invés de Sistema Reprodutor, para manter o sentido desse Modelo de Educação Sexual, optei pela manutenção desse termo aqui.

pela separação em Biologia Moderna e Biologia Pós-Moderna proposta por Mc Manus (2015).

2 CONTEXTO DO OBJETO PESQUISADO

Neste capítulo, apresentar-se-á o contexto do objeto de pesquisa, sendo subdividido em duas seções: (1) **O Programa de Educação Tutorial (PET) no Brasil** e (2) **PET/Biologia/UFSC e o projeto “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”**. Neles, serão apresentados a origem do programa PET no Brasil, suas principais características e objetivos, questões de implantação do PET na UFSC e mais especificamente nos Cursos de Ciências Biológicas. Por fim, o PET/Biologia/UFSC será caracterizado, assim como seu projeto de Educação Sexual, o qual se chama atualmente “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”.

2.1 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) NO BRASIL

O Programa Especial de Treinamento (PET) foi criado em 1979 pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e passou a fazer parte da Secretaria de Educação Superior do Ministério de Educação (SESu/MC), em 1999. No ano de 2004, mudou de nome, passando a se chamar Programa de Educação Tutorial (BRASIL, 2006). Em relação aos seus objetivos, o PET:

[...] busca propiciar aos alunos, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extracurriculares, que complementem a sua formação acadêmica, procurando atender mais plenamente às necessidades do próprio curso de graduação e/ou ampliar os objetivos e os conteúdos programáticos que integram sua grade curricular. Espera-se, assim, propiciar a melhoria da qualidade acadêmica dos cursos de graduação apoiados pelo PET (BRASIL, 2006, p. 4)

No manual de orientações básicas do programa, criado em 2002, e modificado nos anos de 2005 e 2006¹², nota-se um compromisso com a formação de profissionais dos cursos de graduação nas mais diversas áreas do conhecimento, incluindo aí, a formação docente (BRASIL, 2006). Além disso, reitera-se a formação global dos graduandos dos cursos de instituições de ensino superior, com base na tríade Ensino, Pesquisa e Extensão:

O PET, ao desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão, de maneira articulada, permite uma **formação global, tanto do aluno bolsista quanto dos demais alunos do curso**, proporcionando-lhes uma compreensão mais integral do que ocorre consigo mesmo e no mundo. (BRASIL, 2006, p. 6, grifo meu)

¹² O PET foi regulamentado pela lei Nº 11.180, de 23 de setembro de 2005, e pelas Portarias do MEC Nº 3.385, de 29 de setembro de 2005, e Nº 1.632, de 25 de setembro de 2006 (BRASIL, 2006).

Como o programa está alicerçado no tripé ensino, pesquisa e extensão, seus participantes são incentivados a atuarem em grupos de pesquisa, assim como envolver-se no ensino, por meio de práticas voltadas à educação básica, ou mesmo na graduação. Além disso, o programa visa extensão universitária, ou seja, a atuação da universidade junto à sociedade.

Além dessas características apresentadas acima, valoriza-se a interdisciplinaridade e a atuação coletiva, enquanto basilares na formação dos integrantes do programa. E, levando-se em conta todos esses aspectos e concepções filosóficas do programa, é realizada a avaliação dos diversos grupos PET no Brasil:

O processo de acompanhamento e avaliação do PET é um instrumento fundamental para a consolidação do Programa como uma estratégia de desenvolvimento do ensino de graduação no País. No âmbito do Programa, a avaliação deve ser encarada como um processo pedagógico que visa o desenvolvimento da crítica, da autocrítica, do autoconhecimento do bolsista, do tutor, dos grupos e da própria instituição, procurando identificar as potencialidades e limitações de cada um na consecução dos objetivos do Programa (BRASIL, 2006, p. 22)

Inserido nesse contexto, um dos indicadores que baseiam a avaliação dos grupos é o Relatório Anual do PET¹³, o qual é submetido à plataforma do Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial (SIGPET). Nesse sentido, em tais documentos, são relatadas as principais atividades realizadas, com base nos planejamentos anuais dos grupos. Essas documentações se propõem a explicitar as práticas dos grupos, assim como suas metodologias, resultados e principais objetivos alcançados.

2.2 PET/BIOLOGIA/UFSC E O PROJETO “MIOLHE: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO”

O PET foi inaugurado na UFSC em 1980, ligado à Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, sendo o curso de Metrologia e Automação o primeiro a fazer parte do programa. Em seguida, “os demais grupos foram selecionados e autorizados a funcionar apenas na primeira metade dos anos 90, quando houve vários editais visando uma grande expansão de Grupos PET em todo o país.” (BORBA, et al., 2007, p. 13).

O PET/Biologia foi inaugurado na UFSC em abril de 1992, e desde então, teve quatro tutores (BORBA, et al., 2007). Em se tratando do ensino:

¹³ Outros indicadores que baseiam a avaliação dos grupos PET podem ser encontrados no Manual de Orientações Básicas do PET (BRASIL, 2006, p. 24)

No PET-Biologia, as atividades realizadas com foco no ensino são inúmeras, como a apresentação de seminários para a graduação, discussão de textos, um informativo anual, manutenção de uma biblioteca alternativa para a graduação, leituras [...], palestras, minicursos, oficinas [...] (ERSCHING, et al., 2007, p. 158).

Atualmente, no ano de 2019, o PET/Biologia/UFSC conta com quatro projetos de Extensão: “Fractal”, “Brotar”, “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação” e “Sporum”. Sobre a questão de extensão universitária:

O PET-Biologia entende extensão como uma atividade voltada à comunidade, cujo desafio é encontrar caminhos para a transformação social e enfrentamento dos problemas que perpetuam as desigualdades e levam à vulnerabilidade e exclusão de grandes parcelas da população (ERSCHING, et al., 2007, p. 162).

O projeto de extensão “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação” foi criado em 2006 (PLUCENIO et al., 2010; CASTELLANI et al., 2013), sob o nome “Educação em Saúde: um Exercício de Inclusão Social” (Figura 2), continuando com o nome até o ano de 2012:

A iniciativa de começar um projeto de educação em saúde teve início em 2006 quando o PET-Biologia desenvolvia um projeto de Educação Ambiental na comunidade da Serrinha. Durante a realização deste projeto de Educação Ambiental, evidenciou-se o quão deficiente é o entendimento dos membros da comunidade sobre medidas simples de profilaxia, saúde alimentar, sexualidade, entre outros. Foi constatada, desta forma, a importância deste tipo de iniciativa na comunidade, surgindo assim, a vontade de trabalhar a temática de Educação em Saúde. Desde então o grupo mantém o projeto como forma de contribuir para o desenvolvimento de um estilo de vida saudável na comunidade em torno da UFSC. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2012, p. 26)

Figura 2. Logotipo do Projeto “Educação em Saúde: um Exercício de Inclusão Social” (PET/Biologia/UFSC).



Fonte: SAUDEPETBIO (2009).

Os objetivos predominantes no projeto “Educação em Saúde: um Exercício de

Inclusão Social” eram “trabalhar o conceito de Saúde e inter-relacionar temas diversos (Higiene e profilaxia contra parasitoses, Doenças Sexualmente Transmissíveis e Sexualidade¹⁴ e Saúde e Alimentação [...])” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2009, p. 3)

Em 2013, houve uma reestruturação do projeto, sendo renomeado como “Uma Nova Visão de Sexualidade”, quando o foco passou a serem as questões de sexualidade (CASTELLANI et al., 2013). Após esse período, passou a ser chamado “Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão”, permanecendo assim de 2014 a 2016. A partir de 2017 o projeto passou a se chamar “Sexualidade na Escola e na Universidade”. Atualmente, ele é composto por onze integrantes, incluindo o tutor do PET/Biologia/UFSC, e mudou de nome em 2018, passando a se chamar “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”¹⁵ (Figura 3).

O projeto aborda questões de Educação Sexual tanto no ensino superior, por meio de palestras, rodas de conversa, minicursos, oficinas, quanto na educação básica, por meio de aulas expositivo-dialogadas. Além disso, o grupo se aproxima do referencial freireano para pensar propostas de aulas que se afastem de uma educação bancária, baseada na transmissão de conhecimento, fugindo da ideia de um educando passivo no processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 2016).

Figura 3. Logotipo do Projeto “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação” (PET/Biologia/UFSC).



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

¹⁴ Antes mesmo da criação do Projeto de Extensão em Educação em Saúde (2006), o qual incluía um eixo de Sexualidade, há relatos de experiências em Orientação Sexual realizadas pelo PET-Biologia, entre os anos de 1996 e 1999, segundo Yara Costa Netto Muniz, graduanda na época (ERSCHING, et al., 2007).

¹⁵ A expressão “Miolhe” foi pensada por uma integrante do projeto no ano de 2018. A autora brincou com a palavra “Miolo”, como sendo o cerne ou o centro, tal como a sexualidade, uma dimensão central nas relações humanas. Além do mais, “Miolo” remeteria ao cérebro, estrutura muito importante quando se fala de sensações e sentimentos e, portanto, ligado à sexualidade. Além disso, ela fez uma variação: “Me olhe”, dando um sentido de visibilidade, aludindo às questões feministas e LGBTQIA+, por exemplo, que têm como um dos objetivos a visibilidade de suas populações marginalizadas.

3 METODOLOGIA

A metodologia pode ser compreendida como o caminho de pensamento realizado juntamente à prática, visando acessar determinada realidade (MINAYO, 2015). Enquanto instrumento de trabalho “[...] a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.” (MINAYO, 2015, p. 15)

Visto que o presente estudo pretende se aprofundar na análise da Educação Sexual desenvolvida no PET/Biologia/UFSC, a pesquisa qualitativa se mostrou a mais adequada, uma vez que “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes.” (MINAYO, 2015, p. 21)

O percurso metodológico da presente investigação se subdivide em duas etapas: (1) **Revisão Bibliográfica** e (2) **Análise de Documentos**. A seguir, cada uma delas será abordada com mais detalhes.

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica possibilita um aprofundamento teórico em determinado assunto de interesse, sendo indispensável à estruturação de uma pesquisa. Segundo Mohr e Maestrelli (2012), a revisão bibliográfica pode ser dividida em *identificação* e *análise*, onde na primeira etapa recolhe-se a bibliografia, para, em um segundo momento, proceder sua análise e utilizá-la na redação da pesquisa.

No contexto desse estudo, a identificação dos artigos foi realizada através da pesquisa em *periódicos acadêmico-científicos* e *atas de eventos*, os quais se relacionam com temáticas como educação sexual, ensino de ciências e formação de professores de Ciências e de Biologia. A identificação dos artigos ocorre com o uso de dois métodos: *pesquisa sumário a sumário* e *busca por palavras-chave*. No primeiro caso, foram selecionados os periódicos mais destacados da área de ensino de ciências, segundo indicado por Mohr e Maestrelli (2012). Foi realizada leitura de cada um dos sumários de cada um dos números dos periódicos e também das atas do evento selecionado, sendo coletados aqueles artigos que melhor se enquadram nas temáticas e objetivos da pesquisa, como já descritos anteriormente. As tabelas 1 e 2 apresentam os resultados da busca sumário a sumário dos periódicos e atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), respectivamente.

Tabela 1. Periódicos, ano, volume, número de artigos de interesse encontrados na revisão sumário a sumário.

Periódicos Revisados	Período Incluído na Revisão	Volumes Incluídos na Revisão	Número de artigos de interesse encontrados
Alexandria	2008-2018	1-11	1
Ciência & Educação¹⁶	1998-2018	5-24	7
Enseñanza de las Ciencias	2002-2018	1-17	4
Experiências em Ensino de Ciências	2006-2018	1-13	5
Investigações em Ensino de Ciências	1996-2018	1-23	2
Total			19

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Tabela 2. Evento, ano, edição e número de artigos de interesse encontrados na revisão sumário a sumário.

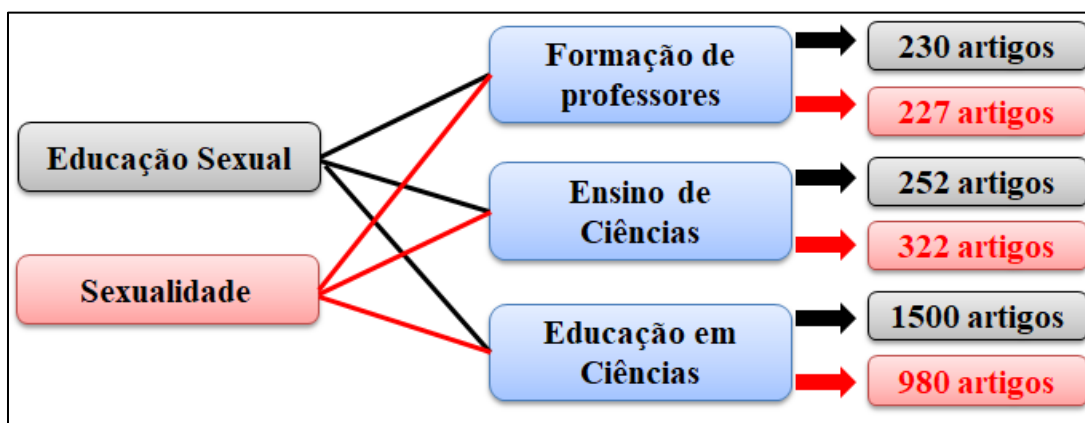
Evento Revisado	Período Incluído na Revisão	Edições Incluídas na Revisão	Número de artigos de interesse encontrados
ENPEC	2005-2017	V-XI	19

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Para ampliar o espectro de periódicos da revisão bibliográfica, além da busca sumário a sumário, foi realizada busca por palavras-chave no portal de periódicos CAPES e no banco de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Em ambos os casos, fez-se uma busca avançada de artigos utilizando os descritores que estão organizados nas figuras 4 e 5, respectivamente.

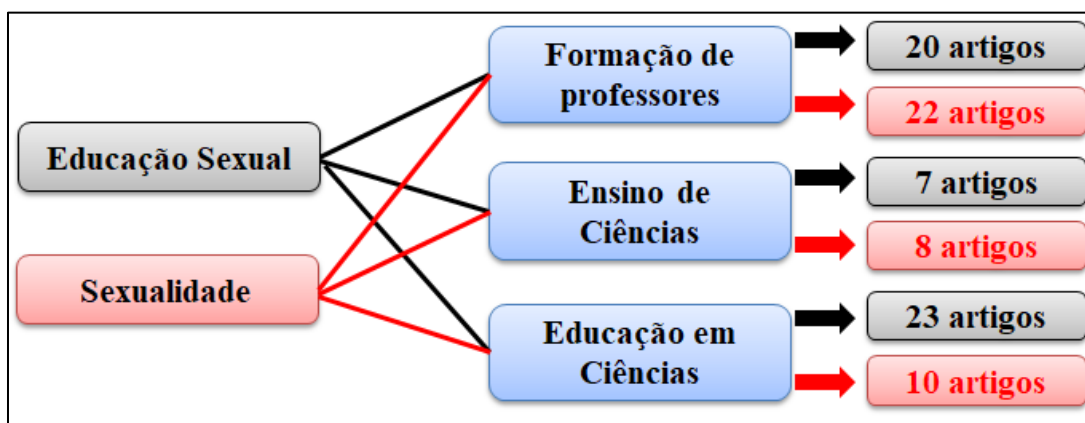
¹⁶ A Revista *Ciência & Educação*, ainda que criada em 1995, apenas no seu quinto volume (1998) começou a circular de forma eletrônica.

Figura 4. Representação da busca por palavras-chave no Portal de Periódicos da CAPES.



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Figura 5. Representação da busca por palavras-chave no Banco de Dados da SCIELO.



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Após a leitura de títulos e posteriormente de resumos, foram selecionados 24 artigos (CAPES= 14; SCIELO= 10) para posterior leitura e fichamento, uma vez que estavam mais relacionados aos objetivos do presente estudo e dentro de um tempo viável de análise.

Através da busca por palavras-chave em ambas as plataformas, foi possível notar que o uso do descritor “Educação em Ciências”, acabou resultando num grande número de artigos, justamente por sua maior abrangência do que “Ensino de Ciências”, por exemplo. Nesse sentido, destaca-se a busca no portal de periódicos da CAPES, onde os resultados referentes ao uso do descritor “Educação em Ciências”, resultou em 1500 e 980 artigos (Figura 4). Dentre esses artigos, havia vários acerca de experiências em Sexualidade e Educação Sexual em diversos âmbitos, que não necessariamente o contexto escolar, mas num contexto de Saúde Coletiva, por exemplo.

Além disso, realizou-se busca por artigos no portal de periódicos da CAPES e base de dados SCIELO, no intuito de caracterizar o contexto do PET no Brasil e sua intersecção com

a formação dos graduandos. Nesse sentido, foi usado o descritor “Programa de Educação Tutorial¹⁷ + Formação”, resultando em um total de 10 artigos encontrados no portal de periódicos da CAPES e 61 na base de dados SCIELO. Foram selecionados para posterior leitura e fichamento cinco artigos (CAPES= 3; SCIELO= 2), em consonância aos objetivos anteriormente apresentados.

Várias leituras importantes para o presente estudo não resultaram diretamente do processo de Revisão Bibliográfica, mas se faziam presentes nos artigos derivados desta, sendo então chamadas de Referências Cruzadas. Em relação a essas referências, foram lidos e fichados entre livros, artigos, teses e dissertações, um total de 27 obras.

A seguir, são destacados e comentados alguns aspectos dos trabalhos mais relacionados aos objetivos desta pesquisa.

Quanto ao **histórico da Educação Sexual no Brasil** diversos trabalhos embasaram esta investigação (ALTMANN, 2001; CÉSAR, 2009; FURLANETTO, et al., 2018; FURLANI, 2008a; GUIMARÃES, 1995; WEREBE, 1978).

Altmann (2001) analisou os PCN, de modo a verificar os sentidos de sexualidade que perpassam o documento, pensando possíveis efeitos à sua implantação nas escolas, mais especificamente no contexto da Educação Física escolar.

César (2009) analisa os caminhos epistemológicos que os discursos de gênero e sexualidade tomaram, e sua intersecção com o ambiente escolar durante o século XX. Nesse sentido, também foi importante para construir o histórico da Educação Sexual no país.

Através da revisão sistemática da literatura sobre Educação sexual em escolas brasileiras, Furlanetto e colaboradores (2018) buscaram identificar suas principais características, temas abordados e profissionais responsáveis pelas ações. Desse modo, traçam um histórico sobre a Educação Sexual no Brasil, evidenciando suas características de acordo com cada período.

Furlani (2008a) realizou um mapeamento histórico acerca da inserção da Educação Sexual nas escolas, elencando diversos discursos ou eventos que, em certa medida, possibilitaram essa inserção, tal como a epidemia de HIV/AIDS, aumento dos casos de gravidez na adolescência, avanço nas discussões dos movimentos sociais, entre outras.

Em seu livro “Educação Sexual na Escola: Mito e Realidade”, Guimarães (1995) apresenta aspectos interessantes para o presente estudo, na medida em que são relatadas diversas experiências em Educação Sexual nas escolas brasileiras, contribuindo para a

¹⁷ Não foi utilizada na busca a sigla “PET”, pois ela também é atribuída ao Programa de Educação pelo Trabalho (PET).

construção do panorama histórico da Educação Sexual no Brasil.

Werebe (1978) analisa aspectos da implantação da Educação Sexual no Brasil, na década de 70, evidenciando alguns limites, os quais se apresentam até os dias de hoje, como, por exemplo, as experiências majoritariamente pontuais e agentes externos ao ambiente escolar que tratam a temática com os educandos.

Alguns **marcos legislativos** também auxiliaram no embasamento teórico sobre a Educação Sexual no Brasil (BRASIL, 1998; BRASIL, 2004; BRASIL, 2015).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) compreendem o marco da inserção da Educação Sexual nas escolas brasileiras, como o Tema Transversal “Orientação Sexual” (BRASIL, 1998), compondo o panorama histórico da presente investigação. Assim como o Programa Brasil sem Homofobia (BRASIL, 2004), o qual avançou em questões como pensar a formação de professores em gênero e sexualidade, com vistas à equiparação de direitos de grupos minoritários, como os LGBTQIA+.

Sobre a formação de professores e sua intersecção com a Educação Sexual e as discussões de gênero e sexualidade, as Diretrizes Curriculares Nacionais para formação inicial em nível superior (BRASIL, 2015) evidenciam a importância dessas temáticas na formação superior. Por fim, como um novo marco das legislações educacionais no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também traz determinados aspectos sobre Educação Sexual, sendo evidenciados certos retrocessos em relação aos documentos anteriores, representado pela retirada dos termos “gênero” e “orientação sexual” de sua versão final, tal como ocorrido com o Plano Nacional de Educação (PNE).

Além disso, diversos trabalhos que discutiam **terminologias e concepções no campo teórico da Educação Sexual** compuseram esta investigação (GOLDBERG, 1982; VITIELLO, 1995; FIGUEIRÓ, 1996a; WEREBE, 1998; BORDINI, 2012; FILHA, 2017; MELO, 2017; SOUZA, 2018)

No livro “Educação Sexual: uma proposta, um desafio”, há um convite aos educadores sexuais, no sentido de tomar a Educação Sexual como uma questão política, implicada em uma série de lutas sociais, visando a libertação de opressões ligadas à sexualidade. Dessa maneira, há uma concepção específica de Educação Sexual que perpassa tal obra, sendo evidenciadas as possibilidades e limites de uma Educação Sexual inscrita dentro dessa lógica (GOLDBERG, 1982).

Vitiello (1995) discute acerca da educação sexual e seus vários modelos, propondo certas características que um trabalho de Educação Sexual deveria contemplar. Ademais, são discriminados os vários termos utilizados para designar as discussões de sexualidade, tais

como educação, orientação, informação e aconselhamento.

Figueiró (1996a) aborda mais diretamente a questão de conceituação e terminologias no campo de estudos da Educação Sexual, através da análise da produção acadêmico-científica brasileira (1980-1993), incluindo aí dissertações, teses, livros, artigos e trabalhos apresentados em eventos. A autora evidencia problemas de conceituação e uso de terminologias, apontando como solução a unificação dos termos, na expressão Educação Sexual, a qual seria a mais difundida entre os pesquisadores da área.

Além de tratar de diversos aspectos de sexualidade, política e educação, Werebe (1998), conceitua Educação Sexual e prioriza o uso de tal terminologia em detrimento às demais utilizadas neste campo de estudos. Além disso, a autora ainda classifica a Educação Sexual enquanto formal ou intencional e informal.

Em relação às terminologias utilizadas para designar discussões de sexualidade, Bordini (2012), Filha (2017) e Melo (2017), alinham-se quanto ao uso do termo Educação para a Sexualidade. Nesse sentido, essas três autoras levantam diversas questões em defesa desse termo em contraposição à Educação Sexual, fornecendo diversos aspectos interessantes para as discussões presentes neste estudo.

Em sua tese, Souza (2018) analisa a incorporação da Educação Sexual no currículo do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), buscando entender como discursos de gênero e sexualidades atravessam tal proposta. No quarto capítulo da investigação, ela levanta a discussão das nomenclaturas em termos de sexualidade e educação, defendendo o uso do termo Educação Sexual.

Dada a centralidade das **abordagens de Educação Sexual** neste estudo, algumas obras foram imprescindíveis às discussões aqui elaboradas (FURLANI, 2005, 2011; FIGUEIRÓ, 1996b, 2010, 2014; VIEIRA; MATSUKURA, 2017)

Através da análise de livros paradigmáticos voltados à Educação Sexual infantil, Furlani (2005) evidenciou discursos e representações de gênero e sexualidade presentes nas obras, tendo como um dos desdobramentos, a identificação de oito abordagens de Educação Sexual que predominam no ocidente contemporâneo, e que, em alguma medida, atuariam no campo pedagógico brasileiro. Essas abordagens identificadas na tese foram reescritas num capítulo do livro da mesma autora, denominado “Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças” (FURLANI, 2011), o qual também fez parte do referencial teórico deste trabalho.

Numa retomada dos pressupostos de Educação Sexual estabelecidos por Goldberg (1982), Figueiró (2010) lança o livro “Educação Sexual: retomando uma proposta, um

desafio”. Na obra, são discutidos aspectos acerca das abordagens de Educação Sexual desenvolvidas pela autora, a partir do Estado da Arte da produção de conhecimento acadêmico sobre Educação Sexual no Brasil (1980-1993). Tal descrição das abordagens identificadas pela autora foi publicada anteriormente em um artigo (FIGUEIRÓ, 1996b).

As autoras Vieira e Matsukura (2017) identificaram e caracterizaram dois modelos de Educação Sexual presentes em escolas de São Paulo, através da análise das práticas de Educação Sexual dos professores dessas instituições.

Em relação ao **contexto do objeto pesquisado**, foram investigadas obras que exploram aspectos do PET no Brasil, na UFSC, o PET/Biologia/UFSC e o Projeto “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação.” (BRASIL, 2006; BORBA, et al., 2007; ERSCHING, et al., 2007)

O Manual de Orientações Básicas do Programa de Educação tutorial (BRASIL, 2006), trata sobre diversas questões do programa no Brasil, desde um histórico sobre sua implantação no país, até sua concepção filosófica, objetivos e principais características.

O livro “Do Treinamento à Educação Tutorial: o PET na UFSC (1980-2007)” trouxe elementos para caracterização do PET na UFSC, em especial no seu capítulo introdutório (BORBA, 2007). O nono capítulo da obra trata do PET/Biologia na UFSC, servindo de rica fonte de pesquisa em relação ao programa no curso (ERSCHING, et al., 2007).

Por fim, ainda que não possuindo caráter central no presente estudo, apresenta-se aqui algumas investigações sobre **formação de professores para abordagem de Educação Sexual** (COELHO; CAMPOS, 2015; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015; BARCELOS; JACOBUCCI, 2011; ALTMANN, 2013; ROHDEN, 2009).

Coelho e Campos (2015) analisaram os sentidos atribuídos à diversidade sexual, advindos de professores de Ciências e alunos. Nesse sentido, os autores evidenciam que os professores em geral não abordam tais questões em suas aulas, mesmo sendo locais onde as discussões de sexualidade são privilegiadas. Por fim, apontam que a formação inicial e continuada desses professores deve pautar as questões de gênero e diversidade sexual, visando a superação desses problemas apresentados.

Diniz, Cirino e Heredero (2015) analisaram o discurso de professores de Biologia sobre a sua formação inicial em Educação Sexual, no contexto da Espanha. Os autores relatam a insatisfação da maioria dos professores em relação à sua formação na temática. Ainda, sugerem a inserção de conteúdos correlatos à Educação Sexual nos cursos de formação de professores, e, além disso, sugerem que tais discussões não devem se restringir à sua dimensão biológica.

Como forma de avaliar o potencial metodológico de duas estratégias didáticas na formação em sexualidade dos licenciandos do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Barcelos e Jacobucci (2011) analisaram os portfólios produzidos por alunos da disciplina de “Educação, Saúde e Sexualidade”, assim como as anotações do professor. Entre os aspectos interessantes levantados pelos autores, pode-se citar: a precariedade na formação docente em relação à Educação Sexual; o predomínio de discursos biológicos no tratamento da temática e por fim, a importância da reflexão sobre a ação pedagógica, na formação de educadores sexuais.

Trazendo à tona a relação entre diversidade sexual e educação, Altmann (2013) discute acerca de suas implicações na formação docente. Dessa maneira, a autora relata que muitas vezes as diversidades sexuais e de gênero são invisibilizadas dos cenários de formação docente, sendo necessário, portanto, pautar essas questões na formação de professores.

Rohden (2009) apresentou uma experiência de formação de professores a distância, em relação à gênero, sexualidade e raça, evidenciando a importância desse tipo de processo formativo, uma vez que diversos professores têm receio de tratar tais temáticas, seja por motivos religiosos ou por medo de represália dos pais de alunos. Desse modo, deve-se pensar uma formação que ultrapasse esses limites impostos à prática docente, em relação a tais temáticas. Além disso, foram discutidas no artigo, questões sobre quando se deve dar início aos trabalhos sistematizados acerca de Educação Sexual e das relações étnico-raciais nas escolas.

Como mencionado anteriormente, a questão de formação de professores para abordagem da Educação Sexual possui caráter acessório nesta investigação, sendo utilizada para discutir alguns aspectos encontrados em relação ao trabalho de Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC, uma vez que este programa está inserido num contexto de formação de professores de Ciências e de Biologia.

3.2 ANÁLISE DE DOCUMENTOS

A análise documental é considerada uma técnica de análise qualitativa de baixo custo (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Nesse sentido, com vistas a criar um panorama da Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC, são analisados documentos referentes ao programa, os quais “não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39).

3.2.1. Caracterização dos documentos analisados

Como forma de compreender aspectos da Educação Sexual, para posterior criação de um panorama geral sobre a temática no programa, serão analisados os Relatórios do PET/Biologia/UFSC, enviados anualmente para a plataforma de Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial (SIGPET). Nesses documentos, há relatos das atividades realizadas por todos os projetos dentro do PET/Biologia/UFSC, constituindo-se assim, em rica fonte para apreender diversos aspectos das práticas em Educação Sexual ali desenvolvidas.

Os Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC são produzidos todo fim de ano, de modo a relatar as atividades desenvolvidas plenamente, parcialmente ou não desenvolvidas pelo grupo, em relação aos Planejamentos Anuais, que são documentos elaborados no início do ano. Tanto o professor tutor do PET, quanto os integrantes de cada um dos projetos são responsáveis por produzir os relatórios anuais. Nesse sentido, como esses documentos não são públicos, tive acesso a eles por via dos dois últimos tutores do PET/Biologia/UFSC.

Nesse sentido, esses relatórios são produzidos num contexto de Avaliação das atividades dos grupos PET. Portanto, possuem caráter mais descritivo do que propriamente analítico, possuindo certos limites relacionados a seus objetivos. Ainda assim, mesmo com esses limites inerentes à natureza da documentação, foi possível verificar diversos aspectos do fazer pedagógico em Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC através de sua leitura e análise. Além disso, visando complementar a documentação descrita acima, são analisados outros documentos, de modo acessório, como forma de acrescentar informação sobre os aspectos da Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC. No quadro 1, estão sintetizados o conjunto de documentos que compreendem o *corpus* de análise da presente investigação.

Quadro 1. Documentos que compõem o *corpus* de análise do trabalho.

Documento	Ano
Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC	2008 a 2018
Artigos publicados	2010, 2013 e 2014
Site do projeto “Educação em Saúde: Um exercício de inclusão social” ¹⁸	2009, 2011 e 2012
Página do PET/Biologia/UFSC no Facebook ¹⁹	2012 a 2019

Fonte: Elaboração do Autor (2019).

¹⁸ Acesso: <http://saudepetbio.blogspot.com/>

¹⁹ Acesso: <https://www.facebook.com/petbiologiaufsc/>

Ao longo do projeto que atualmente se chama “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”, no qual estão concentradas quase todas as atividades envolvendo Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC, foram produzidos artigos que buscavam relatar e refletir sobre as práticas realizadas. Desse modo, analisei três artigos produzidos pelos integrantes do projeto, sendo que dois deles foram apresentados em eventos (CASTELLANI et al., 2013; ALMEIDA et al., 2014) e outro publicado em um periódico (PLUCENIO et al., 2010).

Como mencionado no capítulo anterior, o projeto “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação” já teve como foco as questões de Educação em Saúde, onde a Sexualidade era apenas um de seus três eixos. Nessa época, o projeto se encontrava disponibilizado em um blog, o qual se chama “Projeto de Extensão Educação em Saúde - PET Biologia”. Nele, há relatos de intervenções do projeto em escolas de educação básica.

Por fim, a página do PET/Biologia/UFSC no Facebook (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2019) também forneceu algumas informações importantes, principalmente em relação aos eventos relacionados à temática de Educação Sexual, os quais são divulgados na página.

3.2.2. Aspectos de Análise

Como forma de compreender o trabalho de Educação Sexual realizado no PET/Biologia/UFSC, foram empregados na leitura dos seus Relatórios Anuais, os seguintes aspectos de análise:

Aspecto I - Estrutura geral

Neste item estão sistematizados alguns pontos concernentes à estruturação do projeto chamado atualmente “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”, que discute sexualidade dentro do PET/Biologia/UFSC:

- A) **Nome do Projeto:** Nomenclaturas utilizadas ao longo da história do projeto, a qual já mudou quatro vezes desde seu início em 2006 até 2018.

- B) **Espaço dedicado ao projeto no documento:** Neste item são evidenciados os números de páginas dedicados ao projeto no relatório, assim como as páginas onde há informações sobre Educação Sexual fora desse espaço pré-determinado.

Aspecto II - Terminologias utilizadas para designar as discussões de sexualidade

Buscou-se analisar como está sendo nomeada a discussão da sexualidade, uma vez que

essa é uma questão que está diretamente ligada ao fazer pedagógico em Educação Sexual. Isso porque utilizar determinadas terminologias nesse campo de estudos é estar comprometido com certos pressupostos sobre o que é o trabalho de discussão da sexualidade, quais são seus objetivos, qual a concepção de ser humano e de educação, entre outras questões (FIGUEIRÓ, 1996a).

Aspecto III - Faixa etária e níveis de ensino

Outro aspecto considerado nas análises foi a faixa etária atendida nas atividades de Educação Sexual, assim como os níveis de ensino contemplados por essas práticas, de acordo com a caracterização dos próprios relatórios anuais. Tal preocupação está ligada ao fato de que, muitas vezes, as práticas em Educação Sexual só são consideradas legítimas para jovens e adolescentes, sendo invisibilizadas principalmente da infância e terceira idade (FIGUEIRÓ, 1996b).

Aspecto IV - Resumo das atividades realizadas

As atividades e eventos ligados à Educação Sexual foram brevemente resumidos neste estudo, servindo tanto ao objetivo de compreender o trabalho de Educação Sexual²⁰ no PET/Biologia/UFSC, assim como servir de sistematização das atividades do programa na UFSC, tendo em vista a escassez de trabalhos desta natureza (ELY; PIRES, 2007). Foram relatadas, em sua maioria, as atividades oferecidas exclusivamente pelo projeto de discussão de sexualidade, mas também aquelas oferecidas em conjunto com outros projetos dentro do PET/Biologia/UFSC ou até mesmo por agentes externos, como será explicitado no capítulo seguinte. Além do mais, foram relatadas as produções bibliográficas produzidas pelos integrantes do projeto de Educação Sexual do PET/Biologia/UFSC ao longo dos anos.

Aspecto V - Conteúdos presentes

A questão dos conteúdos é um ponto importante quando se fala do trabalho em Educação Sexual, em especial no contexto da presente pesquisa, a qual acaba abarcando, em alguma medida, um contexto formativo de professores de Ciências e de Biologia. E, como ressaltado por inúmeras pesquisas, a formação destes, em geral, encerra-se em conteúdos que priorizam alguns poucos enfoques dentro da biologia, como questões anatomo-fisiológicas e

²⁰ Além disso, foram sistematizadas brevemente outras atividades que não necessariamente ligadas à Educação Sexual, mas que eram tratadas junto projeto que discutia a sexualidade, como, por exemplo, questões de Alimentação e Parasitoses.

de promoção à saúde, não havendo discussões de tantos outros conhecimentos que envolvem a temática (COELHO; CAMPOS, 2013, 2015; OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017).

A) Descrição dos conteúdos: Realizou-se a identificação dos conteúdos presentes nos Relatórios Anuais, de modo a investigar que tipos de discussão acerca da sexualidade estavam sendo priorizadas ao longo dos anos no PET/Biologia/UFSC.

B) Análise quantitativa de alguns conteúdos: Neste item está contemplada a quantificação de alguns conteúdos concernentes à Educação Sexual presentes nos Relatórios Anuais. Ainda que na descrição dos conteúdos tenham surgido diversos assuntos, apenas alguns foram selecionados para análise quantitativa, uma vez que eles representam de forma clara a mudança nas abordagens de Educação Sexual, as quais serão relatadas no capítulo seguinte.

Aspecto VI - Abordagens de Educação Sexual

Por fim, apoiado nos aspectos de análise anteriores — em especial IV e V — e na construção do panorama teórico das Abordagens de Educação Sexual no Brasil recente (FURLANI, 2005, 2011; FIGUEIRÓ, 1996b, 2010, 2014; VIEIRA; MATSUKURA, 2017), são identificados elementos presentes nos documentos que se relacionem às abordagens descritas neste estudo, de modo a elucidar mais esse aspecto em relação ao trabalho de Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente capítulo estão sistematizados os resultados das análises dos documentos, assim como sua discussão frente ao marco teórico construído neste estudo. Essa seção está dividida de modo a retomar os aspectos de análise referentes à investigação do trabalho de Educação Sexual desenvolvido no programa.

4.1 ESTRUTURA GERAL

A seguir, estão descritas características do projeto de discussão de sexualidade no PET/Biologia/UFSC, como sua mudança de nome ao longo dos anos e o espaço que este projeto ocupa em relação ao Relatório Anual como um todo.

4.1.1 Nome do projeto

No quadro 2, encontra-se representado, além do espaço dedicado ao projeto nos relatórios anuais do PET/Biologia/UFSC, os nomes que teve ao longo dos anos. Nesse sentido, percebe-se que o projeto teve cinco denominações diferentes, de 2008 a 2018. De certa maneira, algumas dessas mudanças de nomenclatura acabaram acompanhando as próprias modificações dos objetivos do projeto. Entre elas, podemos citar a mudança de foco de Educação em Saúde, discussão presente até o ano de 2012 no projeto, passando a discussões específicas de Sexualidade, a partir de 2013. Desse modo, em 2018, ocorreu a mudança de nome mais recente e que se estende até então, com o projeto sendo chamado de “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”. A atual denominação do projeto acaba representando muito bem as atuais discussões que são empreendidas no grupo, como veremos com mais detalhes nas páginas a seguir.

4.1.2 Espaço no relatório dedicado ao projeto

Em todos os relatórios anuais analisados, há um espaço específico para tratar do projeto, ainda que, em alguns relatórios, haja também informações sobre aspectos da Educação Sexual fora desse espaço pré-determinado. Sabendo disso, no quadro 3 estão apresentadas as páginas referentes aos espaços específicos para tratar do projeto, em meio ao relatório como um todo, assim como aquelas onde há informações sobre Educação Sexual fora do espaço do projeto.

Quadro 2. Estrutura Geral dos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC, sendo evidenciado seu número de páginas totais e o espaço dedicado ao projeto de discussão de sexualidade.

Estrutura Geral dos Relatórios Anuais				
Ano	Nome do Projeto	A	B	C (%)
2008	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	34	2	5,9
2009	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	27	6 + 2	22,2
2010	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	66	4	6,0
2011	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	67	4+ 1	6,0
2012	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	59	3 + 2	5,0
2013	Uma Nova Visão de Sexualidade	27	2 + 1	7,4
2014	Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão	23	2	8,7
2015	Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão	22	3 + 1	13,6
2016	Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão	22	3	13,6
2017	Sexualidade na Escola e na Universidade	36	4	11,1
2018	Míolhe: Gênero, Sexualidade e Educação	24	2	8,3

Fonte: Elaboração do autor (2019).

A= N° de páginas totais do relatório;

B= N° de páginas dedicadas ao projeto + informações fora do espaço do projeto.

C (%)= Porcentagem relacionada ao espaço dedicado ao projeto nos relatórios anuais.

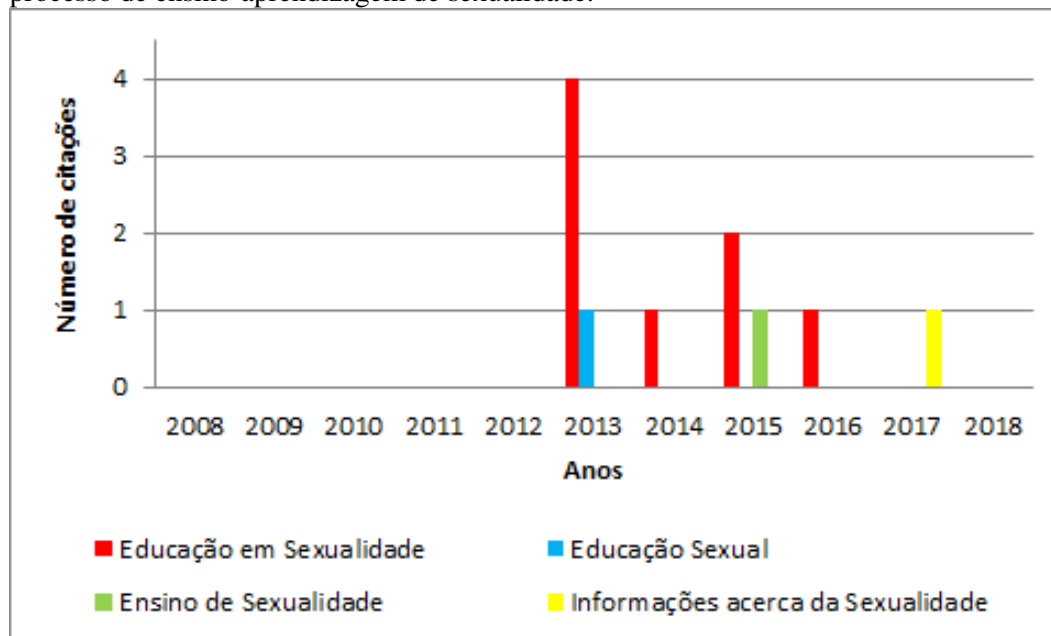
Em relação à figura anterior, é possível visualizar que, ao longo dos anos, houve variação no espaço dedicado ao projeto de sexualidade nos relatórios anuais, de 5% no ano de 2012 até 22,2% em 2009. Apesar de tais variações, o projeto sempre esteve presente nos relatórios anuais, dando-nos indícios de ser um projeto contínuo e de interesse dentro do PET/Biologia/UFSC.

4.2 TERMINOLOGIAS UTILIZADAS PARA DESIGNAR A DISCUSSÃO DE SEXUALIDADE

É possível visualizar a relação entre as terminologias utilizadas e os períodos dos projetos: nos primeiros anos (2008-2012), com foco na Educação em Saúde, não foram encontradas terminologias referentes às discussões de sexualidade (Figura 6), ainda que esta se configurasse como um dos eixos de discussão do projeto, junto à Alimentação e Parasitoses. A partir de 2013, com a mudança de foco do projeto, as terminologias presentes

nos relatórios anuais para denominar a discussão da sexualidade, foram mencionadas de quatro modos distintos: Educação em Sexualidade (2013, 2014, 2015 e 2016); Educação Sexual (2013); Ensino de Sexualidade (2015) e Informações acerca da Sexualidade (2017). Curiosamente, nota-se que no ano de 2018 não foram utilizadas nomenclaturas para designar as discussões de sexualidade.

Figura 6. Terminologias presentes nos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC para designar o processo de ensino-aprendizagem de sexualidade.



Fonte: Elaboração do autor (2019).

A expressão preponderante ao longo do projeto foi Educação em Sexualidade, estando presente, inclusive, no nome do projeto do ano de 2014 a 2016. Em relação ao termo Educação Sexual este apareceu apenas uma vez, no Relatório Anual de 2013. Em contraponto, quanto ao uso desses termos nos artigos produzidos pelo grupo, Educação Sexual foi o mais frequente, seguido de Educação em Sexualidade (PLUCENIO et al., 2010; CASTELLANI et al., 2013; ALMEIDA et al., 2014). Essa expressão se assemelha a Educação para a Sexualidade, a qual é tomada por alguns autores atualmente como uma alternativa à Educação Sexual, uma vez que:

[...] na forma habitual esse é um termo que ganhou contornos definidos por práticas e propósitos normalizadores e prescritivos. Portanto, vejo como promissora a perspectiva da ‘educação para a(s) sexualidade(s)’ como prática que visa a refletir, problematizar, desconstruir discursos considerados como ‘únicas’ possibilidades, evidenciando que os discursos são construções culturais e que suas formas de enunciação são capazes de produção de subjetividades.

(FILHA, 2017, p. 30)

Compreendo o posicionamento dos autores que defendem o uso de Educação para Sexualidade, Educação em Sexualidade e tantas outras expressões que buscam quebrar com um entendimento normalizante, que muitas vezes se fez - ou faz - presente em práticas de Educação Sexual. Contudo, considero importante a manutenção do termo Educação Sexual, concordando com Figueiró (2010, p. 186), quando a mesma afirma que “é necessário que se busque unificar as terminologias usadas para a solidificação do corpo teórico da temática em questão, devendo-se, portanto pôr fim ao uso de sinônimos: orientação, instrução, informação, aconselhamento (sexuais), entre outros.”.

Quanto às expressões Ensino de Sexualidade e Informações acerca da Sexualidade, as mesmas apareceram apenas uma vez, nos relatórios de 2015 e 2017, respectivamente. Nesse ponto, é preciso evidenciar algumas problemáticas quanto ao uso desses termos, seja por centralizar o processo de discussão da sexualidade no professor, no caso de Ensino de Sexualidade ou por dar papel de destaque às informações nessas discussões, quando se utiliza a expressão Informações acerca da Sexualidade (VITIELLO, 1995).

4.3 FAIXA ETÁRIA E NÍVEIS DE ENSINO

Através da análise da faixa etária dos educandos e os níveis de ensino atendidos pelo projeto é possível verificar a preponderância dos jovens/adolescentes e adultos, assim como de um público não especificado (Quadro 3). Além disso, é possível ressaltar uma maior atuação no Ensino Superior (E.S.), seguido do Ensino Fundamental (E.F.) e Ensino Médio (E.M.). Nesse sentido, ressalta-se a pouca atenção dada às crianças e à Educação Infantil (E.I.), assim como aos idosos.

Em relação a essa constatação, pode-se pensar inicialmente que o motivo desse foco, se dê pelo fato de que projeto está vinculado a cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, e os professores de ciências e de biologia atuam no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio. Entretanto, é preciso ressaltar que “parece existir um temor, por parte dos professores, de que o diálogo sobre sexualidade nas séries iniciais fomente uma antecipação dos comportamentos sexuais, além do receio de provocar conflitos com as famílias.” (FURLANETTO et al., 2018, p. 564). Nesse sentido, a sexualidade é muitas vezes apagada da infância, com vistas à preservação da “inocência” das crianças (VITIELLO, 1995).

Quadro 3. Faixa etária dos educandos e níveis de ensino abarcados pelas atividades de Educação Sexual do PET/Biologia/UFSC.

Ano	Faixa Etária					Níveis de Ensino			
	criança	jovem/ adolescente	adulto	idoso	público não especificado	E.I.	E.F.	E.M.	E.S.
2008	X	X	X	X	X		X	X	
2009	X	X	X	X	X		X	X	X
2010	X	X	X		X		X	X	
2011		X	X		X		X		X
2012		X	X		X		X		X
2013		X	X		X			X	X
2014		X	X		X		X	X	X
2015		X	X		X		X	X	X
2016		X	X		X		X	X	X
2017		X	X		X		X	X	X
2018			X						X

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Nesse sentido, Furlanetto e colaboradores (2018) evidenciaram, através da revisão sistemática da literatura sobre Educação Sexual no Brasil, a inexistência de intervenções nos primeiros anos do ensino fundamental, ocorrendo primordialmente a partir do 5º ano até o Ensino Médio. Esse apagamento da infância e até mesmo da terceira idade quando se trata da Educação Sexual, vem sendo relatado desde os anos 90, com os estudos de Figueiró (1996b), onde a autora demonstra a baixa importância dada aos pré-escolares e idosos, quando se trata de intervenções de Educação Sexual:

É possível crer, a partir de alguns textos que integram o corpus, que um número significativo de educadores e/ou pesquisadores encare a Educação Sexual como sendo importante e necessária, única e quase exclusivamente, para o aluno do 1º grau (principalmente a partir da 5ª, 6ª ou 7ª séries) e para o 2º grau. (FIGUEIRÓ, 1996b, p. 58)

Em contraponto a essa situação, afirmo que devemos tratar as questões de gênero e sexualidade desde as séries iniciais, uma vez que:

[...] os valores e as representações sociais sobre gênero, orientação sexual e raça/etnia são transmitidos desde a mais tenra idade. Portanto, é também desde muito cedo que precisamos estar atentos para o rompimento das hierarquias simbólicas e práticas que nos afetam. (ROHDEN, 2009, p. 172)

Considero a sexualidade como uma característica que perpassa todas as fases de vida dos indivíduos (VITIELLO, 1995; BRASIL, 1998; FIGUEIRÓ, 2010; FURLANI, 2011), indo muito além do ato sexual, da reprodução e “[...] cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade [...]” (FIGUEIRÓ, 2014, p. 48)

Portanto, a Educação Sexual deve necessariamente ser tratada em todas as fases da vida, na forma de discussão sistematizada e intencional:

Sem descaracterizar a importância da Educação Sexual para crianças, adolescentes e jovens, pensar nessa educação, também para a criança pré-escolar, para adultos, idosos e deficientes, é estar comprometendo-se mais substancialmente com o direito ao prazer, com o resgate do erótico e com a visão positiva da sexualidade na vida das pessoas. (FIGUEIRÓ, 1996, p. 58)

Até mesmo o Caderno de Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) trazem esse entendimento, onde “[...] busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte.” (BRASIL, 1998, p. 287)

Em uma reflexão interessante sobre essa questão, Furlani (2011) chega a conclusão de que pensar um processo educativo sem pautar a sexualidade dos seus educandos, é não considerar a educação na sua integralidade, uma vez que se ignora uma das características constituintes desses indivíduos.

Nesse sentido, o PET/Biologia/UFSC, ainda que tenha realizado algumas poucas incursões pensadas para crianças e idosos, encontra-se dentro de uma lógica até certo ponto normativa, em se tratando do público atendido, uma vez que acaba legitimando a sexualidade como algo a ser discutido com adolescentes e adulto, quando foca nesses sujeitos como foco de intervenção.

4.4 RESUMO DAS ATIVIDADES REALIZADAS

Nesta seção, estão discriminadas as atividades envolvendo Educação Sexual que ocorreram no PET/Biologia/UFSC nos períodos que compreendem os anos de 2008 a 2018. Num primeiro momento elas serão brevemente resumidas, divididas de acordo com o ano de sua realização e, por fim, será feita uma análise conjunta das atividades.

2008

Em 2008, o projeto realizou **oficinas e palestras** em cinco locais diferentes, na cidade de Florianópolis: Centro Comunitário do Córrego Grande, como público-alvo a comunidade local, sendo que participarem dois idosos; Instituto Estadual de Educação de Florianópolis-SC, atendendo um público de 60 pessoas, de crianças a adultos. Além desses locais, foi realizada atividade em uma praça no Centro de Florianópolis, contando com um público diverso variando de crianças a idosos, totalizando aproximadamente 70 pessoas.

A quarta atividade realizada pelo grupo foi no Colégio Catarinense, localizado no Centro de Florianópolis-SC, contando com um público de cerca de 300 pessoas, em sua maioria crianças e adolescentes. Por fim, visitou-se a Escola de Educação Básica Getúlio Vargas, localizada em Florianópolis-SC, contando com a presença de 20 pessoas, de crianças (maioria) a adultos.

2009

No ano de 2009, o projeto visitou sete locais, entre eles, podemos citar: Grupo de Idosos do Parque do Córrego Grande, onde foram feitas **oficinas** para pessoas da terceira idade; Colégio de Aplicação (UFSC), sendo trabalhado com crianças de 7 e 8 anos e Centro Social Marista, no qual foram feitos encontros com adolescentes de 13 a 15 anos (Figura 7).

A intervenção pensada em relação ao grupo de idosos do Parque do Córrego Grande ocorreu em maio de 2009, contando com cerca de 30 idosos e seis membros do projeto (PLUCENIO et al., 2010). Nesta intervenção, foram tratados aspectos de saúde alimentar:

Foram abordados problemas de saúde relativos ao colesterol, hipertensão, diabetes, bem como os benefícios dos alimentos funcionais e de uma alimentação equilibrada. Para a abordagem dos temas, os alunos elaboraram palestras que gerassem interação com os idosos. Cada membro expôs um tema e agiu como mediador, questionando e buscando ações e opiniões dos idosos sobre o assunto.

Também foi feita a medição da pressão arterial dos participantes, que foi previamente solicitada. Ao final, foi gerado um momento de descontração com uma refeição equilibrada preparada pelos alunos e idosos [...] (PLUCENIO et al., 2010, p. 15-16)

Figura 7. Massagem coletiva, após a dinâmica de apresentação no Centro Social Marista.



Fonte: SAUDEPETBIO (2009)

Além dos lugares citados, o projeto também participou do **Bio na Rua**²¹, no centro da cidade de Florianópolis; Bio na Escola, no Instituto Estadual de Educação; **Feira Cultural** no Colégio Celso Ramos e **Feira de Ciências**, no Colégio Santa Catarina (Figura 8).

Figura 8. Visita do projeto ao Colégio Santa Catarina.



Fonte: SAUDEPETBIO (2009)

Em relação às atividades, ressaltou-se no relatório de 2009, a preocupação com a particularidade de cada local, sendo feita pesquisa da demanda e após isso a realização das práticas:

Identificada a demanda, realizamos pesquisa conjunta acerca das temáticas que abordaríamos, com professores da área e em laboratório de pesquisas. Também são realizadas reuniões de grupo para a preparação de materiais didáticos, dinâmicas de grupo e discussão de

²¹ O “Bio na Rua” é um evento que ocorre anualmente na UFSC, geralmente vinculado à Semana Acadêmica da Biologia (UFSC). No evento ocorrem exposições de trabalhos em forma de estande, parecido com uma “feira de ciência” voltada para um público não especificado.

artigos científicos. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2009, p.3)

A seguir, apresento a descrição de como eram realizadas as atividades onde o público não era específico, como no caso do Bio na Rua e Bio na Escola, por exemplo:

Para a apresentação, montamos estandes e o público ao passar por estes, participava de uma apresentação teórica do conteúdo e de jogos interativos. Eram apresentados pôsteres sobre Parasitoses e sobre Alimentação, jogos interativos de pergunta e resposta, quadro interativo de métodos contraceptivos e pirâmide alimentar interativa, para que os visitantes do estande esclareçam dúvidas acerca dos temas apresentados, visando gerar uma discussão não só sobre doenças e saúde, mas também sobre posturas preventivas e de bem-estar que possam ser adotadas. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2009, p.3)

Por fim, em relação às atividades direcionadas à graduação, foi realizada a **palestra** denominada “Comportamento sexual do estudante brasileiro: uma proposta de abordagem do tema em sala de aula”, ministrada pelo médico psiquiatra e à época graduando do curso de Ciências Biológicas, Jairo Bouer. Nos comentários sobre essa palestra, destacou-se o grande número de público (mais de 100 pessoas).

2010

No ano de 2010, o projeto desenvolveu **oficinas** e **dinâmicas** em sete locais, entre escolas públicas federais e estaduais, escolas particulares e núcleos comunitários. Nesse sentido, foi visitado: a Escola Estadual Intendente José Fernandes, sendo trabalhado com crianças de 7 e 8 anos; Colégio Estadual José Simão Hess, participando adolescentes de 12 a 15 anos e Centro Social Marista, onde o público foram as mães dos educandos.

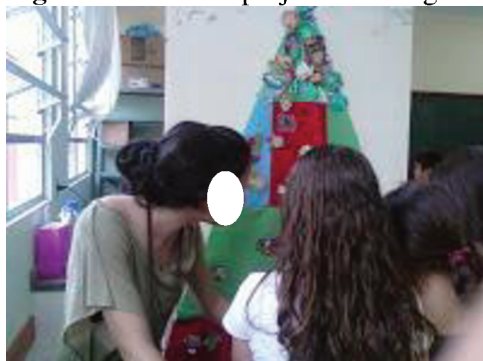
Além das atividades citadas acima, o projeto também participou do Bio na Rua, apresentando estandes no centro da cidade de Florianópolis e, participou do Bio na Escola, no Instituto Estadual de Educação (IEE), Colégio Estadual Leonor de Barros e E.E.B. Getúlio Vargas.

2011

No ano de 2011, o projeto visitou quatro locais, entre escolas e centros sociais: Colégio Estadual Leonor de Barros (Figura 9); Escola Hilda Theodoro (Figura 10), onde foram trabalhadas questões de corpo humano, alimentação e parasitoses (3 encontros);

Colégio Autonomia, sendo trabalhadas **oficinas e dinâmicas** sobre os temas de alimentação e parasitoses (2 encontros) e Centro Comunitário CESOMAR, com a temática de sexualidade (2 encontros).

Figura 9. Visita do projeto ao Colégio Estadual Leonor de Barros.



Fonte: SAUDEPETBIO (2011)

Figura 10. Visita do projeto à Escola Hilda Theodoro.



Fonte: SAUDEPETBIO (2011)

Nesse ano de 2011, o projeto também participou do **Bio na Escola**, no Instituto de Educação de Florianópolis (IEE). As mesmas práticas pedagógicas apresentadas no ano de 2009 e 2010 nessas situações de público não especificado foram as que predominaram em 2011.

Quanto às atividades voltadas à graduação, realizou-se a **palestra** “Educação e Sexualidade”, ministrada pelo médico e graduando de biologia à época, Jairo Bouer.

2012

Em termos de atuação do projeto na Educação Básica, desenvolveu-se **oficinas e dinâmicas acerca da** temática de sexualidade no Colégio Getúlio Vargas (Figura 11), em parceria com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Além disso, o projeto trabalhou a mesma temática com alunos do sétimo e oitavo ano do Colégio Padre

Anchieta.

Figura 11. Intervenção do projeto no Colégio Getúlio Vargas.



Fonte: SAUDEPETBIO (2012)

No contexto da graduação, o projeto “Educação em Saúde: um exercício de inclusão social” junto a outro projeto do PET chamado à época de Cinemuda organizou o PET Cultural, onde foi apresentado o **“Circuito Cinemuda de Filmes com os temas Gênero e Sexualidade”**. Essa atividade tinha como intuito:

[...] promover um espaço propício para que os graduandos de ciências biológicas (e demais interessados) pudessem discutir as questões de gênero e sexualidade tão presentes na atualidade, contando como meio de esclarecer conceitos, difundir ideias e tentar diminuir pré-conceitos. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2012, p.6)

Além disso, houve a **apresentação** do projeto na Semana de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFSC (SEPEX) dos dias 20 a 24 de novembro de 2012, onde “[...] foram expostos, pêlvis, jogos elaborados pelos próprios petianos e outros materiais acerca da temática sexualidade, alimentação e saúde.” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2012, p.23).

Em 2012 é mencionado o início de uma reestruturação do projeto: “devido à demanda pela temática sexualidade, em 2012, o grupo organizou um curso de capacitação no qual foram trabalhados os temas gênero e sexualidade. Para ministrar o curso foram chamados Dr. Jairo Bouer, Ariana Sala, Felipe Fernandes.” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2012, p.26). Esse **curso de capacitação** foi nomeado: “Capacitação para trabalhar Questões de Gênero e Sexualidade com estudantes de Ensino Fundamental e Médio.”, contando com carga horária total de 12 horas. Além desse, foi identificado o curso denominado “Capacitação para trabalhar Saúde e Sexualidade com alunos de Ensino Fundamental”, com carga horária total de 6 horas.

2013

No ano de 2013, o projeto estabeleceu parceria com o Colégio de Aplicação (UFSC), em seis **encontros**, de modo que foram realizadas:

[...] atividades que proporcionem a discussão dos temas e orientem em aspectos de respeito, prevenção de gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros. Utilizamos-nos de **dinâmicas de grupo**, mas também de orientações expositivas com **modelos masculinos e femininos** para melhor conhecimento do próprio corpo. Este projeto é aberto a demais alunos do curso de ciências biológicas para participação. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2013, p.3)

No âmbito da graduação, os integrantes do projeto realizaram dois **minicursos** sobre Educação e Sexualidade: um na Semana de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFSC (SEPEX) e outro na Semana da Pedagogia da UFSC.

2014

Em relação à atuação do projeto na Educação Básica, foram mencionadas no relatório **visitas pontuais** em escolas públicas. Foram relatadas as intervenções feitas na Semana pela vida, do Colégio de Aplicação (UFSC), na qual se propôs a **discussão de um documentário** chamado “Meninas”, sobre gravidez na adolescência. Além disso, os integrantes do projeto ministraram um **minicurso** sobre conceitos de sexualidade e gênero aos alunos da 8ª série dessa mesma escola.

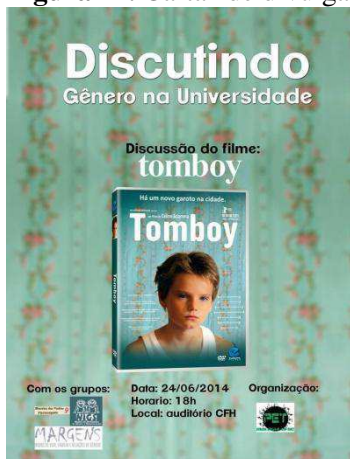
No ano de 2014 o projeto foi convidado a ministrar uma aula sobre sexualidade na escola, parâmetros curriculares e dinâmicas aplicadas, na disciplina Biologia e Saúde do Curso Noturno de Licenciatura em Ciências Biológicas. Ademais, no contexto da graduação foi realizado um **cinedebate** do filme “Tomboy” (Figura 12), onde diversos grupos que estudam questões de gênero dentro e fora da UFSC, tais como NIGS²², MARGENS²³, Marcha das Vadias²⁴ e TRANSE foram convidados pelo projeto, visando discutir gênero na graduação.

²² Para mais informações, acesse o site: <http://nigs.ufsc.br/>

²³ Para mais informações, acesse o site: <http://margens.ufsc.br/>

²⁴ Para mais informações, acesse o site: <https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasFlorianopolis/>

Figura 12. Cartaz de divulgação referente ao Cinedebate do filme Tomboy.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

2015

No ano de 2015 foram feitos três **encontros pontuais** em duas escolas da Grande Florianópolis: Escola Básica Municipal Prof. Donato Alípio de Campos e Escola de Ensino Básico Aníbal Nunes Pires, de modo a fomentar a “[...] discussão sobre a temática sexualidade, explorando o conhecimento relacionado à anatomia, fisiologia, respeito, prazer, gênero, DSTs e métodos contraceptivos.” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2015, p.1)

Realizou-se um **questionário** com os alunos dos Cursos de Ciências Biológicas da UFSC, acerca do tema virgindade. Em seguida, foi organizada uma **mesa redonda** denominada “Vamos falar sobre virgindade”, a fim de discutir as respostas do questionário (Figura 13).

Figura 13. Cartaz de divulgação da Mesa Redonda “Vamos falar sobre virgindade?”.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

Ainda, foram feitas duas **mesas redondas**, uma na Semana dos PETs na UFSC (SEPET), denominada “Vamos falar sobre gênero?” (Figura 14) e outra intitulada “Ser trans

na escola”. Por fim, os integrantes do projeto ministraram um **minicurso** na Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC (SEPEX), “abordando as experiências do grupo no que tange o ensino de sexualidade e à discussão de gênero.” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2015, p.1)

Figura 14. Cartaz de divulgação da Mesa Redonda oferecida na SEPET.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

2016

Na análise do relatório anual referente à 2016, não foi possível apreender as atividades realizadas pelo grupo, sendo percebido apenas descrições dos objetivos e conteúdos do projeto, repetidos do relatório anterior. Entretanto, ao analisar a página de Facebook do projeto, foi possível identificar três **eventos** em que o projeto esteve envolvido neste ano: Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Figura 15), Mobiliza PET- UFSC (Figura 16) e Cinedebate Discutindo Gênero, com o filme "A Garota Dinamarquesa" (Figura 17).

Figura 15. Estande do Projeto Educação em Sexualidade: Uma Nova Visão, na SEPEX.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

Figura 16. Divulgação das atividades do projeto em frente à reitoria da UFSC, no Mobiliza PET.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

Figura 17. Cartaz de divulgação do Cinedebate acerca de gênero na graduação.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

2017

No contexto da graduação, foram executadas diversas atividades. O projeto foi divulgado na **Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC (SEPEX)** através da “[...] abordagem de estatísticas referentes aos preconceitos sociais com relação ao tema.” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2017, p. 5). Além disso, foi proposta uma roda de conversa, denominada “Troca de Experiências entre Minas!” (Figura 18), onde foi discutido com 18 meninas acerca de sexo, menstruação e prazer.

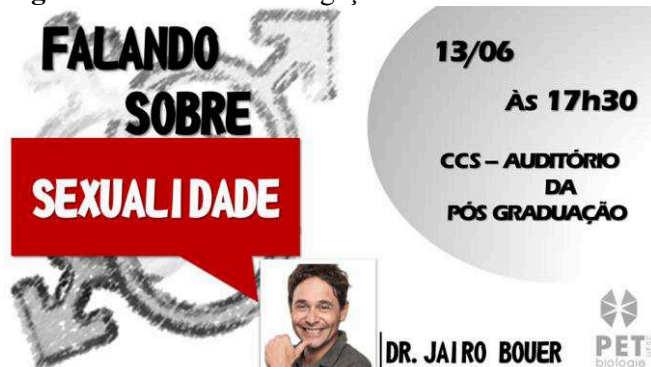
Figura 18. Cartaz de divulgação da “Troca de Experiências entre Minas!”.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

Também foi realizada a **palestra** “Falando sobre sexualidade” (Figura 19), ministrada por Jairo Bouer, o qual abordou aspectos da sexualidade com foco no seu desenvolvimento na infância.

Figura 19. Cartaz de divulgação da Palestra “Falando sobre sexualidade”.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

Por fim, o projeto fez quatro **encontros** com turmas do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE)²⁵, visando tratar de Gênero, Sexualidade e Ditadura da Beleza. E, a partir das análises das atividades realizadas no início de 2017 geraram resultados, os quais “[...] foram apresentados em dois **eventos científicos**, o XX SULPET (20 a 23 de abril de 2017) e o XXII ENAPET (23 a 30 de julho de 2017), via submissão de resumo expandido e, apresentação oral e banner.” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2017, p. 5, grifo meu)

2018

No ano de 2018, o projeto se voltou à graduação, propondo atividades visando discussões de gênero e sexualidade na formação dentro dos Cursos de Ciências Biológicas da UFSC. Foram realizados os seguintes eventos: A **discussão do documentário** “O Riso dos Outros” (Figura 20) e **duas oficinas**, sendo uma sobre Gênero, Sexualidade e Ensino de Ciências, na Semana da Biologia (Figuras 21 e 22) e a outra sobre Abordagens de Educação Sexual, na Semana de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFSC (Figura 23).

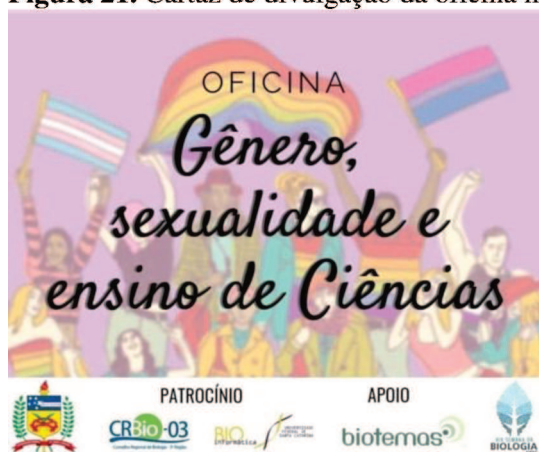
²⁵ O CIEE é uma “[...] entidade não governamental, sem fins lucrativos, localizada no bairro Centro em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2017, p.5)

Figura 20. Cartaz de divulgação da discussão do documentário “O Riso dos Outros”.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

Figura 21. Cartaz de divulgação da oficina ministrada pelo projeto na Semana da Biologia.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

Figura 22. Oficina “Gênero, Sexualidade e Ensino de Ciências” na Semana da Biologia.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

Figura 23. Cartaz de divulgação da oficina sobre Abordagens de Educação Sexual.



Fonte: PET/BIOLOGIA/UFSC (2019)

Vale ressaltar também a questão de produção bibliográfica no grupo, onde foi realizada a publicação de um **capítulo de livro** (TAVARES et al., 2018):

No primeiro semestre de 2018 o Projeto de Extensão sobre Sexualidade e Gênero produziu um capítulo do e-book “Gênero e Cultura, Perspectivas Formativas 2”. Esse capítulo foi baseado nas respostas dos questionários aplicados aos alunos que participaram das aulas feitas pelo Projeto no CIEE de Florianópolis no ano de 2017 [...] (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2018, p. 23)

Por fim, no ano de 2018 foram feitas duas **apresentações orais**, acerca dos trabalhos realizados no projeto, nos encontros denominados: XXIII Encontro Nacional do Programa de Educação Tutorial (ENAPET) e XXI Encontro Regional dos Grupos PET do Sul (SULPET).

Depois de resumir brevemente esses onze anos de atividades realizadas pelo PET/Biologia/UFSC, em relação à Educação Sexual, é necessário destacar certos pontos. O primeiro deles é a tendência apresentada, ao analisarmos o público a que são direcionadas as atividades do projeto. Nos seus primeiros anos, a Educação Básica aparece muito mais presente enquanto foco de intervenção, sendo realizadas diversas visitas em várias escolas diferentes. Para reforçar tal ponto, trago o dado de que das 18 escolas descritas ao longo desses onze anos, 14 delas foram visitadas entre os anos de 2008 a 2011. Ainda, é possível perceber que entre os últimos quatro anos analisados (2015-2018), nos anos de 2016 e 2018 não foram descritas intervenções na Educação Básica.

As ações realizadas pelos integrantes do PET/Biologia/UFSC, em relação à Educação Sexual no contexto da graduação, aumentaram ao longo dos anos. Nos quatro primeiros anos de análise (2008-2011), realizaram-se apenas dois eventos voltados à graduação, os quais

foram palestras ministradas pelo médico e biólogo Jairo Bouer. Em contraponto dos anos de 2015 a 2018, foram realizados 10 eventos voltados à graduação, e grande parte deles ministrados pelos próprios integrantes do projeto.

No ano de 2012, evidenciei a ocorrência de dois cursos, denominados nos relatórios anuais como “de capacitação”, são eles: “**Capacitação** para trabalhar Questões de Gênero e Sexualidade com estudantes de Ensino Fundamental e Médio” e “**Capacitação** para trabalhar Saúde e Sexualidade com alunos de Ensino Fundamental”. Em relação à essa terminologia destacada nas citações acima, para fazer referência à formação de professores, concordo com Figueiró (2014) quando a autora ressalta que:

Termos como reciclagem, treinamento, aperfeiçoamento, **capacitação** e educação em serviço **têm sido apontados como inadequados**, uma vez que, de forma geral, encontram-se relacionados a uma atividade pontual e a um produto em vez de a um processo permanente. (FIGUEIRÓ, 2014, p. 116, grifos meus)

Em relação às análises das características metodológicas e pedagógicas das intervenções de Educação Sexual em escolas brasileiras, Furlanetto e colaboradores (2018) evidenciaram uma diversificação nessas intervenções, com a preponderância de oficinas. Nesse sentido, associo essa característica à realidade do projeto, uma vez que foram utilizadas diversas estratégias para discussão da sexualidade ao longo desses anos, tanto na Educação Básica quanto Superior, como: oficinas, palestras, aulas, rodas de conversas, cinedebates, minicursos, mesas redondas e estandes.

Ainda, foi possível evidenciar que grande parte das intervenções realizadas pelo projeto nesses onze anos analisados, deu-se através de encontros pontuais ou de número reduzido, impedindo, assim, um maior acompanhamento do público. Em 2009, por exemplo, cinco das sete intervenções realizadas no projeto foram pontuais (PLUCENIO et al., 2010). Essa limitação é reconhecida pelos próprios integrantes do projeto, como é possível perceber no seguinte trecho do artigo publicado pelo grupo em 2010:

Este tipo de atividade aberta, em estande, aborda uma ampla gama de temas e permite a participação de um grande número de pessoas de distintas faixas etárias. Em média, cada encontro deste possibilitou a visita de 117 pessoas. Porém, é uma ação pontual e que não garante que o grupo de extensão aborde os temas de real interesse e necessidade do público. Além disso, não há tempo para um acompanhamento da comunidade [...] (PLUCENIO et al., 2010, p. 20)

Essa situação é amplamente descrita no campo teórico da Educação Sexual, enquanto um dos limites encontrados nas práticas de discussão de sexualidade nas escolas (FIGUEIRÓ, 2010; VITIELLO, 1995; FURLANI, 2011), na medida em que “[...] as atividades desenvolvidas se caracterizam por **intervenções temporárias**, realizadas por **profissionais que não pertencem ao quadro escolar**.” (FURLANETTO, 2018, p. 559).

Nesse sentido, Vitiello (1995, p. 19), ao tratar dos agentes externos ao ambiente escolar, afirma que estes “[...] quando fazem palestras em escolas, não estão exercendo verdadeiramente a educação sexual, mas sim funcionando como meros informadores.” E, continua, afirmando “[...] que o caminho real para a educação sexual não é levar profissionais de várias áreas às escolas, mas sim preparar professores interessados para a tarefa de fazê-la.” (VITIELLO, 1995, p. 19).

Confirmando esse ponto de vista, Figueiró (2010, p. 199), ressalta que “oportunar à escola a criação de espaço para concretizar a Educação Sexual dos jovens é possibilitar que ela assuma a função do questionamento das normas e dos valores relativos à sexualidade.” E, para além disso, é enxergar a escola como uma local potente de discussão, de ressignificação de valores e de aprendizados diversos, desmistificando a ideia da escola como um lócus de aplicação de determinadas intervenções, as quais muitas vezes pouco dialogam com as reais necessidades de seus agentes escolares.

4.5 CONTEÚDOS PRESENTES

4.5.1. Descrição dos Conteúdos

No quadro 4 elenco os conteúdos desenvolvidos pelo projeto mencionados em cada relatório. Como é possível notar, a partir do ano de 2013, mudou-se não apenas o nome e enfoque do projeto, mas também os conteúdos passaram a ser mais diversificados, abarcando diversas questões da temática de sexualidade, tratando-se, inclusive, das discussões de valores e tabus. Desse modo, o projeto parece tomar a sexualidade como uma questão mais ampla, que ultrapassa questões ligadas à promoção de saúde e aos aspectos anatômicos e fisiológicos do corpo humano, ainda que essa dimensão seja importante para discutir a temática, compreendendo que ela não deve compor os conteúdos como perspectiva única. Nesse sentido, concordo que:

Não se nega a importância da fisiologia e da morfologia como constituintes do que é materialmente possível em termos de

sexualidade, mas não se considera que as predisposições biológicas produzam por si só, os comportamentos sexuais, a identidade de gênero ou a orientação sexual. Elas formam um conjunto de potencialidades que só adquirem sentido por meio da socialização e do aprendizado de regras culturais. (ROHDEN, 2009, p. 166)

Considerando que o PET/Biologia/UFSC, ainda que de modo extradisciplinar, faz parte do currículo dos cursos de Ciências Biológicas, incluindo aí os de licenciatura, é importante que sejam tratados diversos aspectos da sexualidade.

Quadro 4. Conteúdos presentes nos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC.

Ano	Nome do Projeto	Conteúdos Presentes
2008	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	- Higiene e Profilaxia de Parasitoses; - DSTs e Sexualidade; - Saúde e Alimentação; - Conceito de Saúde. - Saúde Mental; - Acesso da Comunidade ao SUS; - Conceito de Saúde.
2009	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	- Higiene e Profilaxia de Parasitoses; - DSTs e Sexualidade; - Saúde e Alimentação; - Métodos Contraceptivos; - Pirâmide Alimentar.
2010	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	- Higiene e Profilaxia de Parasitoses; - DSTs e Sexualidade; - Saúde e Alimentação; - Conceito de Saúde.
2011	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	- Higiene e Profilaxia de Parasitoses; - DSTs e Sexualidade; - Alimentação; - Métodos Contraceptivos; - Pirâmide Alimentar; - Corpo Humano;
2012	Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social	- DSTs e Sexualidade; - Alimentação; - Saúde.
2013	Uma Nova Visão de Sexualidade	- Conceito de Sexualidade; - Gravidez na Adolescência; - Aborto; - Virgindade; - DSTs; - Gênero; - Respeito.

2014	Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão	- Conceito de Sexualidade; - Gravidez na Adolescência; - Aborto; - Virgindade; - Gênero; - Fisiologia e Anatomia do Corpo Humano.
2015	Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão	- Sexualidade; - Fisiologia e Anatomia; - Respeito; - Prazer; - DSTs - Métodos Contraceptivos; - Gravidez na Adolescência; - Aborto; - Gênero;
Ano	Nome do Projeto	Conteúdos Presentes
2016	Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão	- Conceito de Sexualidade; - Gravidez na Adolescência; - Aborto; - Virgindade; - Questão de Gênero;
2017	Sexualidade na Escola e na Universidade	- Sexo; - Menstruação; - Prazer; - Anatomofisiologia dos Órgãos Sexuais; - Sexualidade e Gênero; - Métodos Contraceptivos; - Ditadura da Beleza; - DSTs.
2018	Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação	- Gênero; - Sexualidade; - Abordagens de Educação Sexual.

Fonte: Elaboração do autor (2019).

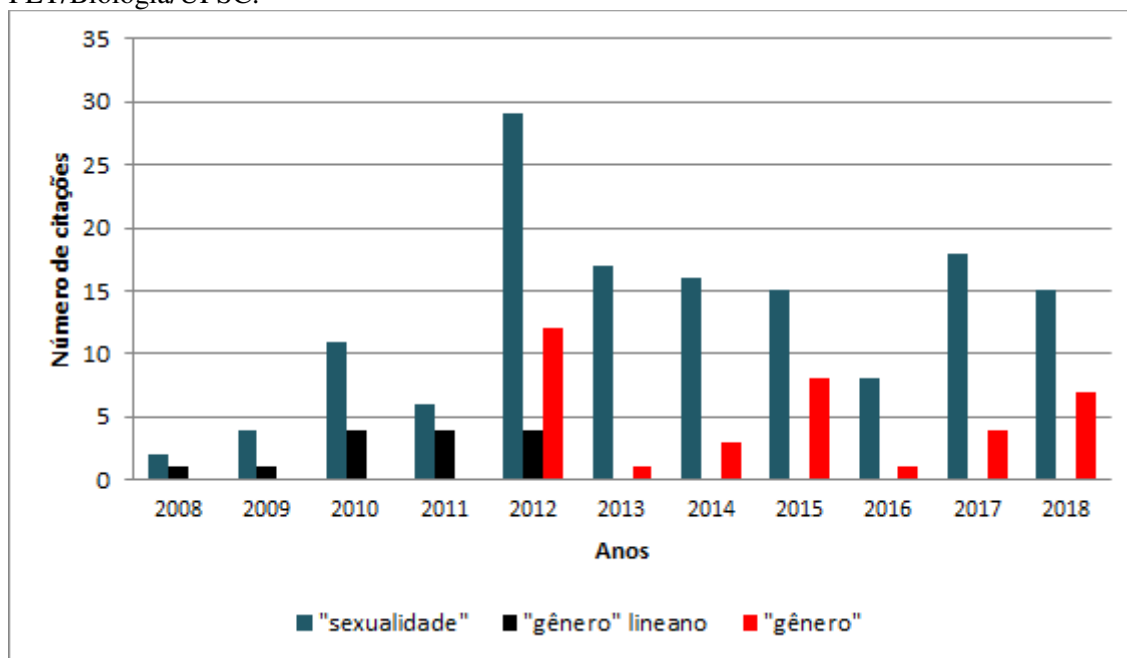
4.5.2. Análise quantitativa de alguns conteúdos

A palavra “Sexualidade” apareceu duas vezes, ano de sua menor frequência, em 2008. Neste ano, “Gênero” é mencionado apenas uma vez, mas em seu sentido lineano de classificação da diversidade biológica²⁶ (Figura 24). Em geral, nota-se que a expressão “sexualidade” aumentou de frequência, tendo seu ápice em 2012, e diminuindo nos anos seguintes. A seguir, apresento o trecho com menção ao gênero lineano, o qual compunha o

²⁶ A palavra gênero é sabidamente polissêmica, e no presente estudo, visando alcançar os objetivos previamente estabelecidos, separei dois sentidos dela: (1) **gênero**, num entendimento de construção social acerca das masculinidades e feminilidades, sendo conteúdo da Educação Sexual e (2) **gênero lineano**, o qual se refere a uma categoria de classificação da diversidade de seres vivos.

relatório, ainda que não ligado diretamente ao projeto de discussão de sexualidade: "A palestrante discutiu aspectos relacionados à evolução genética de moscas do gênero *Drosophila* [...]" (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2009, p.8)

Figura 24. Quantificação das expressões “gênero” e “sexualidade” presentes nos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC.



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Essa questão nos remete às análises realizadas por Zanella (2018), onde a mesma evidenciou a presença desse sentido da palavra gênero, enquanto perspectiva única nos documentos oficiais dos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFSC:

Através da análise das ementas, percebo um silêncio fundador nos documentos curriculares das Licenciaturas sobre gênero e sexualidade. Os processos discursivos que operam dentro dos espaços curriculares das Licenciaturas encerram-se no discurso dominante da Biologia, onde “sexo” é o que é dado, geneticamente determinado e **“gênero” só é possível dentro da taxonomia lineana.** (ZANELLA, 2018, p. 77, grifo meu)

Esse sentido lineano de gênero perdurou nos relatórios até o ano de 2012 (Figura 5), como se pode notar através da citação a seguir: “Os indivíduos do gênero *Pinus* provocam impactos sobre as espécies nativas do local e no funcionamento do ecossistema da restinga [...]” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2012, p.18)

O silêncio em relação à gênero como conteúdo da Educação Sexual, pode ser visto ainda em descrições como a seguinte:

Além destes locais onde o público-alvo foi mais específico, o projeto de extensão realizou atividades itinerantes e pontuais, onde a faixa etária e o **sexo dos visitantes eram variados** [...] Como cada local apresenta sua particularidade, como foi colocado no item acima, o projeto tenta se adequar de acordo com a demanda de cada local e elaborar atividades de acordo com a temática de interesse, idade e **sexo dos participantes**. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2009, p.2-3, grifos meus)

Quanto à expressão “gênero”, em seu sentido discutido na Educação Sexual, em 2012 foi o ano onde ela apareceu pela primeira vez, sendo, inclusive, o de maior frequência (13 vezes), seguido pelos anos de 2015 (oito vezes) e 2017 (quatro vezes). Ainda que o ano de 2012 tenha registrado mais frequentemente o uso dos termos Gênero e Sexualidade, isso não significa que o projeto estava tratando tais temáticas como centrais em suas práticas. O que ocorreu foi a repetição (sete vezes) do curso de capacitação oferecido aos integrantes do projeto, intitulado: "Capacitação para trabalhar Questões de Gênero e Sexualidade com Estudantes de Ensino Fundamental e Médio, UFSC." (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2012). Nesse sentido, em 2012 o projeto ainda estava inscrito dentro da lógica da Educação em Saúde, mas já com vistas à discussão mais aprofundada sobre sexualidade, a qual se concretizou no ano seguinte, quando o projeto passou a tratar exclusivamente questões de gênero e sexualidade.

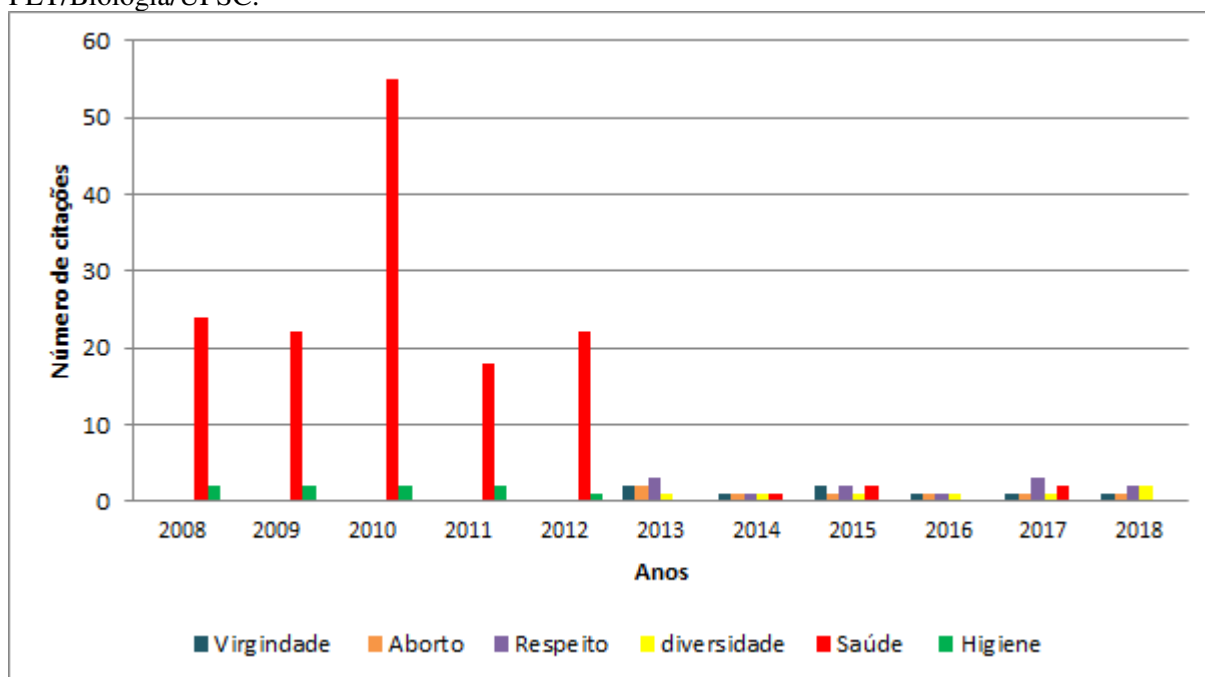
O silêncio em relação à gênero — como discussão da Educação Sexual — no PET/Biologia/UFSC, de 2008 a 2012 evidencia, de certa maneira, alguns limites de legislações como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais já pautavam, desde o fim dos anos 90, o Bloco de Conteúdo “Relações de Gênero”, no seu Caderno de Orientação Sexual (BRASIL, 1998). Contudo, assim como tal legislação também pauta a transversalidade da Educação Sexual, já foi evidenciada sua não efetivação na prática escolar (LIRA; JOFILI, 2010).

Entretanto, não excluo a importância dessa legislação no cenário pedagógico do Brasil, a qual reterritorializou a Educação Sexual dentro das escolas, ressaltando o papel dos professores nessas discussões. Arrisco dizer, inclusive, que as mudanças posteriores nos modos de tratar a temática de Sexualidade dentro do PET/Biologia/UFSC, só foram possíveis devido ao preparo do “terreno pedagógico brasileiro” para lidar com tais questões, oportunizado por essas legislações.

Em relação à análise quantitativa de outros conteúdos concernentes à Educação Sexual — Virgindade, Aborto, Respeito, Diversidade, Saúde e Higiene — nos relatórios anuais analisados, fica evidente que as discussões envolvendo valores e tabus da sexualidade humana estão mais presentes a partir do relatório de 2013, como se pode observar na figura 25,

justamente com a mudança de foco do projeto. Em relação àquela figura, vale destacar o ano de 2010, onde a Palavra “Saúde” apareceu 55 vezes no Relatório Anual, sendo o ano de maior ocorrência. Entretanto, isso aconteceu devido à repetição do título de um artigo publicado por alguns integrantes do PET/Biologia/UFSC, denominado “Educação em Saúde como um Exercício da Inclusão Social: Ações em 2009”.

Figura 25. Quantificação de alguns conteúdos presentes nos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC.



Fonte: Elaboração do autor (2019).

As análises de tais expressões presentes nos artigos elaborados pelos integrantes do projeto, até certo ponto seguem o padrão da figura anterior, possuindo diferença apenas na questão dos conteúdos aqui considerados mais amplos sobre sexualidade, tais como “Virgindade”, “Aborto” e “Diversidade”, os quais não foram mencionados em nenhum deles. Entretanto, a palavra “Respeito” foi citada em todos os artigos. No artigo de 2010, ela aparece num sentido de saúde individual, como respeito ao próprio corpo: “O contato foi realizado pela própria professora do colégio, trazendo uma demanda em abordagens relativas ao **cuidado e respeito com o corpo**, educação alimentar e profilaxia de parasitoses.” (PLUCENIO et al., 2010, p. 17, grifos meus).

Em contraponto, nos artigos de 2013 e 2014, aparece uma ideia de “Respeito” que considero mais ampla do que a perspectiva individual de saúde apresentada anteriormente:

[...] o grupo acredita na ideia de que é importante não basear a educação sexual apenas no uso de métodos contraceptivos e na prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), mas, sim, no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações, **favorecendo o desenvolvimento do respeito**, do compromisso, do autocuidado e do cuidado com o outro. (CASTELLANI et al., 2013, p. 2, grifo meu)

Construiu-se com os alunos uma nova visão sobre sexualidade que vá além do estudo de métodos contraceptivos e DSTs. Através da metodologia problematizadora de Paulo Freire, realizaram-se diferentes dinâmicas, como quiz e teatro-fórum, inserindo no cotidiano dos alunos **respeito**, autocuidado, além de fisiologia, prevenção de gravidez e DSTs. Os alunos compreenderam as diferentes faces da sexualidade respeitando diferentes escolhas. (ALMEIDA et al., 2014, p.1, grifo meu)

Em síntese, foi possível visualizar dois padrões bem definidos, quanto à presença e quantidade desses conteúdos no PET/Biologia/UFSC (Figura 25): de 2008 a 2012 aparecem conteúdos como saúde e higiene, justamente porque o projeto nesse período tinha como objetivo discutir Educação em Saúde; já de 2013 a 2018, houve uma diversificação desses conteúdos, sendo quantitativamente menos expressivos, mas aparecendo ao longo de todos esses anos, onde o projeto estava focado nas discussões específicas de Sexualidade.

4.7 ABORDAGENS DE EDUCAÇÃO SEXUAL

A identificação de características do projeto me permite pontuar dois períodos distintos quanto às Abordagens de Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC, de acordo também com algumas análises discutidas no presente capítulo:

1) O primeiro período compreende os anos de 2008 a 2012, quando o projeto ainda se chamava “Educação em Saúde: um exercício de Inclusão Social”. Nesse período, identificaram-se elementos que aproximam o projeto ao chamado **Modelo Biológico-Centrado e Preventivo** (VIEIRA; MATSUKURA, 2017), assim como da **Abordagem Médica** de Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 2010).

2) O segundo período (2013-2018), quando o projeto mudou de nome três vezes, foi marcado por aspectos que remetem ao **Modelo Biopsicossocial** (VIEIRA; MATSUKURA, 2017) e às Abordagens de Educação Sexual: **Pedagógica** (FIGUEIRÓ, 2010), **Emancipatória** (FURLANI, 2005; FIGUEIRÓ, 2010) e **dos Direitos Humanos** (FURLANI, 2005).

4.7.1. Primeiro Período do Projeto (2008-2012)

Num primeiro momento (2008-2012), identifiquei elementos que remetem ao **Modelo Biológico-Centrado e Preventivo** de Educação Sexual (VIEIRA; MATSUKURA, 2017), principalmente devido aos conteúdos que dão enfoque central à promoção da saúde, com destaque a conteúdos biológicos, como destacado a seguir:

[...] foram trabalhadas as seguintes temáticas: Higiene e profilaxia de parasitoses, **DSTs e Sexualidade**, Saúde e Alimentação, com uma abordagem ampla para diferentes faixas etárias e sexo [...] Eram apresentados pôsteres sobre Parasitoses e Alimentação, jogos interativos de pergunta e resposta, quadro interativo de métodos contraceptivos e pirâmide alimentar interativa [...] (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2009, p. 3, grifo meu)

Tal como ressaltado na citação anterior, as Doenças Sexualmente Transmissíveis - DSTs parecem compor a perspectiva única de discussões de sexualidade nos relatórios analisados, assim como questões acerca de métodos contraceptivos e gravidez na adolescência. A esse respeito, vale destacar os limites de se tratar a sexualidade junto à prevenção, situação que poderia resultar na criação de uma aura negativa e de perigo em torno da sexualidade (VITIELLO, 1995; LOURO, 2013a; VIEIRA; MATSUKURA, 2017). Essa preocupação em desenfatar a relação da sexualidade com doenças está presente nos PCN, onde se sugere que “na discussão das doenças sexualmente transmissíveis/Aids o enfoque precisa ser coerente com isso e não acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte.” (BRASIL, 1998, p. 325)

Ainda sobre essa aproximação, Sayão (1997) afirma que as primeiras experiências em Educação Sexual nas escolas brasileiras, as quais ocorreram no início do século XX, eram pautadas exatamente na prevenção das chamadas doenças venéreas, resultando na moralização e repressão da sexualidade. Esse traço higienista que marcou o início da Educação Sexual nas escolas brasileiras: “[...] influencia até hoje a dificuldade de diálogo sobre sexualidade na escola, permitindo que apenas as **informações sobre práticas preventivas** sejam realizadas, especialmente nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio.” (FURLANETTO, 2018, p. 564, grifo meu)

Outro aspecto interessante que se relaciona ao Modelo Biológico-Centrado e Preventivo (VIEIRA; MATSUKURA, 2017), está citado abaixo, quando os próprios integrantes reconhecem alguns limites presentes no projeto:

Outra dificuldade encontrada foi a falta de extensionistas de outros

cursos, o que **impossibilita a utilização de abordagens pedagógicas fora do âmbito da biologia**. No entanto, apesar dos entraves, o projeto cumpre seu papel para com a comunidade, levando o conhecimento científico adquirido na academia para fora desta. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2012, p. 27, grifo meu)

No trecho mencionado anteriormente, há indícios, ainda que indiretos, que os Cursos de Ciências Biológicas da UFSC possuem limitações, por exemplo, quando não fornece vários pontos de vista para se discutir sexualidade. O panorama fica mais crítico quando nos damos conta de que esses cursos são responsáveis pela formação de professores de Ciências e de Biologia, e esses são os que, em geral, atuam nas práticas de Educação Sexual na Educação Básica (ALTMANN, 2009; COELHO; CAMPOS, 2013, 2015).

Relatos das práticas do projeto em 2009 evidenciam que houve uma época em que seus integrantes eram formados como uma equipe multidisciplinar: “Hoje, compõem o grupo sete bolsistas do PET-Biologia, mais cinco graduandos em Ciências Biológicas, uma graduanda em Medicina, uma em Enfermagem e uma em Psicologia, além de uma mestranda em Ciências Sociais.” (PLUCENIO et al., 2010, p. 13). Entretanto, essa variedade em termos de alunos de cursos distintos, não retirou o projeto dessa lógica médica e preventiva aqui relatada.

Em função do acima mencionado, é possível identificar características do projeto nesta época com aquelas de uma Abordagem Biológico-Higienista de Educação Sexual, a qual “é marcada pela centralidade conferida ao ensino como promoção da saúde, priviligia (ou) discussões sobre a reprodução humana, às DSTs (antes, doenças venéreas), à gravidez indesejada, o planejamento familiar, o HIV/AIDS, a puberdade.” (FURLANI, 2005, p. 204). Entretanto, com um olhar mais atento à descrição de tal abordagem, fica claro que é o modo como ela é feita e não necessariamente os tópicos que ela aborda, que a tornam problemática, uma vez que é pautada numa visão essencialista e determinista biológica (FURLANI, 2005). Tendo isso em vista, ainda que em termos de conteúdo haja alguma aproximação dos documentos analisados com essa abordagem, seria necessário uma análise mais cuidadosa e aprofundada acerca das práticas dos integrantes do projeto, o que não foi possível devido aos objetivos da investigação, que se focou nos documentos com as inerentes limitações destes no que se refere à descrição das atividades realizadas.

Ainda foi possível observar semelhanças do projeto com uma **Abordagem Médica** de Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 2010), uma vez que em vários momentos fica claro que a promoção da saúde e o fornecimento de informações visando uma postura preventiva são privilegiados:

Trabalhar o conceito de Saúde e inter-relacionar temas diversos (Higiene e profilaxia contra parasitoses, Doenças Sexualmente Transmissíveis e Sexualidade e Saúde e Alimentação), com o objetivo de promover uma educação em saúde efetiva, **fazer com que a comunidade-alvo crie uma postura preventiva e melhore seu bem-estar.** (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2009, p. 3, grifo meu)

[...] o presente projeto objetiva uma educação em saúde efetiva para que após sua aplicação às comunidades, **seus integrantes possam seguir adotando medidas** para a conquista de uma vida melhor e mais saudável. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2009, p. 3, grifo meu)

Além disso, nota-se claramente a presença constante da díade saúde-doença integrando o projeto, sendo esta uma característica fundamental da Abordagem Médica de Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 1996b):

Eram apresentados pôsteres sobre Parasitoses e sobre Alimentação, jogos interativos de pergunta e resposta, quadro interativo de métodos contraceptivos e pirâmide alimentar interativa, para que os visitantes do estande esclareçam dúvidas acerca dos temas apresentados, **visando gerar uma discussão não só sobre doenças e saúde**, mas também sobre posturas preventivas e de bem-estar que possam ser adotadas. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2009, 2011, grifo meu)

A primeira palestra, intitulada “Tópicos sobre **educação em saúde** no ensino fundamental”, foi ministrada pela profissional da área de Saúde Ismênia Barbosa. Ocorreu no dia 19 de outubro e permitiu a discussão de formas e alternativas de ensinar os assuntos referentes à **profilaxia de doenças** e agentes transmissores de parasitoses aos alunos de escolas públicas, particulares e às comunidades carentes. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2011, p. 9, grifos meus).

A díade saúde-doença também ficou clara no artigo publicado pelo grupo, acerca das experiências do ano de 2009, como podemos notar a seguir:

A simples informação ou divulgação ou transmissão de conhecimento de **como ter saúde ou evitar uma doença**, por si só, não vão contribuir para que a população seja mais sadia [...] o Projeto de Extensão de Educação em Saúde surge visando favorecer a consciência do direito à saúde, instrumentalizar cidadãos para a intervenção individual e coletiva sobre os **processos saúde e doença** [...] (PLUCENIO et al., 2010, p. 14, grifos meus)

Essa postura de prevenção, em se tratando da Educação Sexual, pode também estar relacionada a eventos ocorridos no fim do século XX (FURLANI, 2008a; CÉSAR, 2009). Como destacado por César (2009, p. 38), “nos últimos vinte anos, após o surgimento da

epidemia do HIV/AIDS e o reconhecimento da gravidez de jovens em idade escolar, a sexualidade se consolidou como lugar de fala em torno à ideia de prevenção.” (César, 2009, p. 38).

Ao analisar o caderno de “Orientação Sexual” dos PCN (BRASIL, 1998), fica clara essa preocupação em torno da promoção à saúde e prevenção das ISTs, em especial do HIV/AIDS:

Ao trabalhar com a prevenção da Aids, são conteúdos indispensáveis as informações atualizadas sobre as vias de transmissão do vírus HIV (fluidos sexuais, sangue e leite materno contaminados), o histórico da doença, a distinção entre portador do vírus e doente de Aids e o tratamento. Os professores precisam incentivar os alunos na adoção de condutas preventivas (usar camisinha, calçar luvas ao lidar com sangue) e promover o debate sobre os obstáculos que dificultam a prevenção. (BRASIL, 1998, p. 326)

Além da ideia de prevenção, é possível evidenciar ainda uma postura prescritiva quanto ao tratamento das questões de Educação em Saúde e Educação Sexual nos relatórios de 2009 a 2012, como destacado nas citações acima. Quanto à questão da promoção da saúde e a prescrição de atitudes e comportamentos específicos, Mohr (2002) lança uma provocação, resultado da análise crítica ao Tema Transversal de Saúde nos PCN: “Quem seria o encarregado de estabelecer os comportamentos e atitudes adequados? Quem julgaria os objetivos e a consequente avaliação dos comportamentos desejados? Em que bases? Qual o padrão de normalidade que se adotaria?” (MOHR, 2002, p. 75).

Em relação aos conteúdos que compõe esse primeiro período do projeto (Quadro 4), não foram mencionados temas como prazer, diversidades sexuais e de gênero, respeito, virgindade e consentimento, por exemplo. Dessa maneira, esses conteúdos ligados aos valores e tabus da sexualidade humana não fizeram parte desse primeiro período do projeto.

Na análise do site SAUDE-PET-BIO, o qual possui relatos de práticas de 2009, 2001 e 2012, estando, portanto, dentro desse primeiro momento do projeto, é possível observar essa restrição da Educação Sexual ao campo preventivo e reprodutor:

No primeiro encontro conversamos sobre o conceito de sexualidade e a importância em se conhecer e respeitar seu próprio corpo e o corpo do parceiro, feito isso, utilizamos os **modelos anatômicos** e demais materiais para trabalhar assuntos relacionados à **fisiologia do sistema reprodutor** e a utilização de **métodos contraceptivos**. (SAUDEPETBIO, 2012, s.p.)

É nesse sentido que se cria um problema, não pelos conteúdos de ciências e de biologia em si, os quais são importantes para as discussões de gênero e sexualidade, mas pelo fato de se reduzir uma questão multifacetada a alguns poucos enfoques da biologia, a qual não é um campo de estudo homogêneo, possuindo diferentes perspectivas (MC MANUS, 2015). Dessa maneira, “com a sexualidade apresentada desconectada de aspectos históricos ou culturais, o Ensino de Ciências acaba por contribuir para a (re) produção do heterossexismo, da homofobia e de significações excludentes relacionadas ao gênero.” (COELHO; CAMPOS, 2015, p. 899)

4.7.2. Segundo Período do Projeto (2013-2018)

O segundo período do projeto (2013-2018), aproxima-se do **Modelo Biopsicossocial** de Educação Sexual (VIEIRA; MATSUKURA, 2017). Ao analisar os relatórios referentes a esse período, nota-se uma maior diversificação de conhecimentos relacionados à Educação Sexual. Como ressaltado em um dos Relatórios Anuais analisados, os integrantes do projeto “[...] têm nesta atividade a integração de conhecimentos biológicos e sociais.” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2013, p. 3).

Além disso, está presente nos relatórios o entendimento acerca da limitação de se reduzir uma questão complexa como a sexualidade a apenas um de seus aspectos:

A sexualidade é uma das dimensões do indivíduo e envolve aspectos da vida como o amor, o erotismo, **opções sexuais**, envolvimento emocional e reprodução. Isso faz da sexualidade um fator importante para a formação da identidade e desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Educação sexual deve não só abordar métodos contraceptivos e prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, mas também favorecer o próprio entendimento, o desenvolvimento do respeito, do compromisso, do auto cuidado e do cuidado com o outro. (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2013, p. 11, grifo meu)

A expressão destacada na citação anterior “opção sexual”, atualmente é inadequada para designar homossexuais, heterossexuais, bissexuais, entre outros. Atualmente é dito orientação sexual, onde “o termo *orientação* refere-se, essencialmente, para quem se dirige o desejo sexual e afetivo sentido e experimentado por uma pessoa.” (OLIVEIRA; POLIDORO, 2018, p. 20).

Na análise dos artigos acerca das experiências do grupo no ano de 2012 e 2013, também fica expressa uma mudança de compreensão da sexualidade, com esta passando a ser mais ampla:

Constituindo-se de um **conceito amplo** e que **sofre influências socioculturais**, podendo ser expressa e experimentada de diversas formas. Isso faz da sexualidade um fator importante para a formação da identidade e desenvolvimento da personalidade do indivíduo. (CASTELLANI et al., 2013, p. 2, grifos meus)

Para a adequação do projeto à proposta do grupo, primeiramente **objetivou-se construir um conceito de sexualidade que extrapolasse a ideia de que esta resume-se apenas ao conceito biológico** [...] Outra importante maneira de desenvolver essa ideia foi a exposição do vídeo produzido pelo projeto, em que pessoas eram questionadas, dentro do campus da UFSC, sobre o que para elas era sexualidade. Com a pluralidade de respostas notadas no vídeo, os alunos puderam construir ou reconstruir o seu próprio conceito [...] (ALMEIDA et al., 2014, p. 6, grifo meu)

Ressalto que, aparentemente, o Curso de Capacitação realizado em 2012, onde os integrantes do projeto puderam discutir sobre como tratar gênero e sexualidade no ensino fundamental e médio, pode ter contribuído para essa ampliação do conceito de sexualidade no PET/Biologia/UFSC. Além do mais, foi possível notar nesse segundo momento do projeto a ocorrência de diversos eventos em parcerias com grupos de estudos de gênero e integrantes de movimentos sociais ligados à temática, o que pode ter também influenciado nessa mudança de tratamento quanto à sexualidade no programa.

Foi a partir de iniciativas e atividades como estas, que começaram a aparecer outros discursos, que não somente biológicos veiculados e discutidos pelo projeto. Além disso, a análise dos relatórios desse período, também permite verificar que o entendimento de sexualidade muda e passa a significar uma questão mais ampla; fato que fica perceptível no trecho a seguir, que como objetivo do projeto passa a estruturá-lo em todos os anos seguintes: “O projeto visa proporcionar aos adolescentes e jovens uma visão ampla a respeito da sexualidade, contribuindo para **um maior respeito à diversidade, uma redução de preconceito** e maior autoconhecimento.” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, grifo meu).

Em relação ao objetivo apresentado acima, o qual passou a fazer parte do projeto a partir de 2013, vemos que, para além de trabalhar o autoconhecimento do educando e a vivência positiva de sua sexualidade, o projeto atribui importância às diversidades e combate ao preconceito, mostrando, ainda que de forma superficial e pontual, relacionar-se a elementos políticos da Educação Sexual, enquanto potencialidade de mudança das normas sociais. Assim, é possível captar alguns elementos da **Abordagem Pedagógica** de Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 2010) uma vez que valoriza o processo de ensino-aprendizagem dos

conteúdos, com uma visão ampla acerca da sexualidade. E, mais timidamente, o que parece ser uma incursão inicial numa **Abordagem Emancipatória de Educação Sexual** (FIGUEIRÓ, 2010), uma vez que explicita a questão de diminuir o preconceito na sociedade e lutar por respeito às diversidades, enquanto objetivo integrante do projeto. Sendo assim, mesmo que de modo embrionário, parece que o projeto, ao discutir a sexualidade de forma ampla, e trazer à discussão questões de valores e tabus da sexualidade humana, para além das questões de saúde e sexualidade, começa a vislumbrar uma Educação Sexual que leva em consideração mais do que apenas questões dos alunos individualmente, tomando-os em seus contextos sociais e, quiçá, possibilitando a transformação de suas realidades.

Além de Figueiró (2010), Furlani (2005) também teorizou acerca da Abordagem Emancipatória de Educação Sexual, e ambas possuem similaridades, principalmente em se tratando da transformação social das relações de gênero e sexualidade que está implicada nesse tipo de abordagem. Ainda sobre essa abordagem, Figueiró (2010) lança uma questão instigante, para exemplificar a importância do engajamento ativo dos educandos na transformação das normas sociais:

[...] como pode viver de forma plena e satisfatória sua sexualidade, uma pessoa homossexual que, apesar de ter buscado informações sobre a sexualidade e ter trabalhado os aspectos afetivos e psicológicos que lhe possibilitam aceitar-se e assumir sua orientação, encontra-se imerso em um contexto cultural que oprime as pessoas LGBTT? (FIGUEIRÓ, 2010, p. 136)

Por fim, ressalto o trecho: “[...] **um maior respeito à diversidade, uma redução de preconceito** [...]” (PET/BIOLOGIA/UFSC, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017). Em relação a ele, podemos perceber um posicionamento de discussão sobre as diversidades, e um comprometimento com a redução do preconceito, numa postura de Educação Sexual alinhada à **Abordagem dos Direitos Humanos**, ou seja, numa perspectiva de reconhecimento dos direitos de minorias historicamente oprimidas (FURLANI, 2005). Nesse sentido, “[...] uma Educação Sexual baseada nos princípios dessa abordagem é aquela que fala, explicita, problematiza e desconstrói, essas identidade “excluídas”.” (FURLANI, 2005, p. 219).

Além disso, a presença de eventos que discutem as pautas de grupos historicamente oprimidos, como a discussão do filme “Tomboy”, ou a Mesa Redonda sobre “Ser Trans na Escola” e até as discussões do filme “A Garota Dinamarquesa”, demarcam esse segundo período nessa lógica de problematizar diversas questões relacionadas à grupos historicamente oprimidos, ecoando suas vozes e promovendo, de forma conjunta, a busca por respeito e

dignidade.

Isto posto, podemos perceber nesse segundo período do programa, um maior comprometimento político e pedagógico com a desconstrução de normas sociais ligadas à sexualidade, a qual é apresentada de forma mais ampla, em suas diversas dimensões, abrindo caminho para pensar as diversidades e diminuir o preconceito em relação a grupos de gêneros e sexualidades não hegemônicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última seção, serão retomados os principais resultados derivados das análises empreendidas nesta investigação para, ao fim, apresentar o panorama da Educação Sexual desenvolvida no PET/Biologia/UFSC ao longo dos últimos onze anos (2008-2018).

Inicialmente, foi possível observar que quase todas as atividades de Educação Sexual realizadas no PET/Biologia/UFSC ocorreram ligadas ao projeto de discussão de sexualidade dentro do programa, o qual atualmente se chama “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”. Além disso, ficou evidente que tal projeto teve diversos nomes ao longo desses onze anos: “Educação em Saúde: Um Exercício de Inclusão Social” (2008-2012), “Uma Nova Visão de Sexualidade” (2013), “Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão” (2014-2016) e “Sexualidade na Escola e na Universidade” (2017).

Quanto às terminologias utilizadas para se referir às discussões de sexualidade, encontrei quatro denominações principais, as quais estão apresentadas em ordem decrescente de preponderância nos Relatórios Anuais analisados: Educação em Sexualidade, Educação Sexual, Ensino de Sexualidade e Informações acerca da Sexualidade. Contrapondo essa ordem, contudo, as análises de artigos publicados pelo grupo, evidenciam o predomínio do termo Educação Sexual, seguido de Educação em Sexualidade.

Ainda sobre as terminologias, reafirmo minha posição teórica de concordância com o uso do termo Educação Sexual em relação a todos os outros. Contudo, entendo que essa questão deve ser discutida entre os próprios integrantes do grupo, utilizando-se, inclusive, dessa investigação como base para discussão sobre qual(is) é (são) a(s) terminologia(s) a ser(em) utilizada(s) pelo grupo. Desse modo, reafirmo a importância do PET/Biologia/UFSC utilizar para discussão esse e outros trabalhos acadêmico-científicos (não acriticamente, é claro!), com vistas a modificações mais embasadas em seus projetos.

Através da análise das faixas etárias e níveis de ensino abarcados pelas atividades de Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC, ficou evidente a centralidade dada aos jovens, adolescentes e adultos, assim como ao Ensino Fundamental, Médio e Superior. Contudo, são raras as intervenções realizadas na Educação Infantil ou aquelas voltadas para crianças e idosos. Nesse sentido, como sugestão ao grupo, deixo a seguinte provocação: Se a sexualidade perpassa todas as fases da vida do ser humano, por que não discuti-la de forma intencional e sistematizada em todas elas?

Em relação às atividades realizadas pelo grupo, verifiquei que estas eram mais voltadas à Educação Básica (2008-2011), sendo que nos últimos dois anos (2017-2018), elas

passaram a ser mais realizadas num contexto da Educação Superior, especificamente na graduação. Nesse sentido, ao longo dos anos, tanto na Educação Básica como na Superior, também ficou evidente a diversificação de estratégias para se discutir sexualidade com o público, por meio de oficinas, minicursos, palestras, aulas, estandes, mesas redondas, entre outras.

Ainda em relação às atividades realizadas pelo PET/Biologia/UFSC, quanto à Educação Sexual, foi possível verificar que grande parte delas se deu de modo pontual nas escolas, sem acompanhamento em longo prazo, ainda que houvesse a preocupação de levantar demandas da comunidade para pensar as intervenções. Dessa maneira, é perpetuado o modelo a muito combatido pelos estudos teóricos de Educação Sexual, no qual agentes externos vão até a escola para realizar intervenções esporádicas, sem se aprofundar nos contextos e analisar as reais necessidades do público, e quase sempre sem acompanhamento em longo prazo (WEREBE, 1980; VITIELLO, 1995; FIGUEIRÓ, 2010; FURLANI, 2011; FURLANETTO, 2018). Por isso, sugiro ao grupo uma reflexão acerca da relação quantidade *versus* qualidade, quanto às intervenções realizadas em escolas, de modo a efetivamente modificar os padrões de desigualdades em relação às questões de gênero e sexualidade em nossa sociedade, e não apenas disseminar informações, uma vez que:

[...] se não houver uma melhoria conjunta dos fatores relacionados, tais como **capacitação de profissionais**, questionamento das estratégias didáticas e desenvolvimento de uma cultura que promova **reflexão crítica ao longo da vida escolar**, a informação perderá o sentido de autocuidado para esses jovens. (FURLANETTO et al., 2018, p. 565, grifos meus)

Nessa linha, ressalto a importância do grupo estar realizando de forma crescente nos últimos anos, intervenções e eventos voltados ao Ensino Superior (graduação), evidenciando sua preocupação com a formação inicial de professores de Ciências e de Biologia, em relação às questões de Educação Sexual. Isso porque, ao atuar na Educação Básica, e de modo pontual e não contínuo como já demonstrado anteriormente, o projeto acaba reforçando um modelo não eficaz de intervenção, o qual está longe de conversar com a realidade dos alunos e da comunidade escolar como um todo. Por isso, parece-me mais interessante, o programa começar a pautar mais fortemente a formação inicial de professores nos próprios cursos de graduação ao qual o PET/Biologia/UFSC está ligado, reconhecendo seu potencial formativo em relação às questões de Educação Sexual.

Apesar dos limites ressaltados acima, a seguir ressalto alguns aspectos importantes do

PET/Biologia/UFSC, e mais especificamente do seu projeto de discussão da sexualidade. Primeiramente, resultou do presente estudo, um panorama da Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC nos últimos onze anos, onde foi possível destacar dois momentos distintos, quanto às discussões da sexualidade. Num primeiro momento, que foi de 2008 a 2012, a Sexualidade dividia espaço com discussões de Alimentação e Parasitoses, onde o objetivo do projeto era discutir Educação em Saúde, estando inclusive no seu nome tal termo. Nesse primeiro período, a sexualidade era discutida numa perspectiva preventiva, prescritiva e com viés médico, de promoção à saúde. Além disso, só era possível tratar a sexualidade através de conteúdos como: métodos contraceptivos, Anatomo-fisiologia dos Sistemas Genitais, ISTs e gravidez na adolescência.

Entretanto, a partir de 2013, identifiquei uma mudança nas abordagens de Educação Sexual, uma vez que o projeto passou a focar as discussões de gênero e sexualidade. Mas, para, além disso, essa modificação ficou clara ao analisar os Relatórios Anuais e artigos publicados pelo grupo, os quais evidenciam que a sexualidade começou a ser discutida de forma mais ampla, e se diversificou, inclusive, as temáticas abordadas. Nesse segundo momento do projeto houve uma diversificação de conteúdos os quais saíram de uma lógica apenas de discutir a sexualidade num viés restrito a alguns aspectos de anatomo-fisiológico e da saúde, incorporando questões de valores e tabus da sexualidade humana, como virgindade, respeito, diversidades, aborto, gênero, por exemplo.

Especificamente em se tratando das questões de gênero, num sentido de “[...] construções socioculturais sobre como ser homem ou mulher em um tempo e cultura específicos.” (OLIVEIRA; POLIDORO, 2018, p. 15), elas só foram aparecer nos relatórios anuais do PET/Biologia/UFSC a partir de 2012, num ano que considero de transição para o segundo momento do projeto identificado nesse estudo. Antes disso, imperava nos relatórios anuais um sentido de gênero enquanto classificação das diversidades de seres vivos.

Em relação a essa mudança de abordagens relatada nesta investigação, destaco a possível relação do PET/Biologia/UFSC com a ColetivA Feminista Mítia Bonita, a qual começou a pautar questões acerca de gênero e feminismos dentro dos cursos de Ciências Biológicas da UFSC, sendo criada em 2015, com nome de ColetivA Maria Bonita, mudando de nome posteriormente (ZANELLA, 2018).

Por todos os aspectos destacados acima, aproximei o primeiro momento do PET/Biologia/UFSC (2008-2012) do Modelo de Educação Sexual Biológico-Centrado e Preventivo (VIEIRA; MATSUKURA, 2017) e da Abordagem de Educação Sexual Médica (FIGUEIRÓ, 2010). Em contraponto, num segundo momento, alinho o PET/Biologia/UFSC

ao Modelo de Educação Sexual Biopsicossocial (VIEIRA; MATSUKURA, 2017) e às Abordagem de Educação Sexual Pedagógica, Emancipatória (FIGUEIRÓ, 2010; FURLANI, 2005) e dos Direitos Humanos (FURLANI, 2005).

Nesse sentido, ressalto a importância dessa transformação que ocorreu ao longo desses anos no PET/Biologia/UFSC, com a evidente preocupação de se discutir gênero e sexualidade, fora de um paradigma unicamente biológico, mas trazendo outros saberes para dar conta da complexidade que a temática pede. Assim, percebendo o compromisso do projeto para com uma discussão engajada de gênero e sexualidade, proponho uma aproximação das práticas do grupo com uma Abordagem *Queer* de Educação Sexual, mesmo reconhecendo todas as contradições e dificuldades de se tentar enquadrar uma teoria tão subversiva à questões pragmáticas da Educação.

Nessa linha, para pensar essa relação instável entre o *queer* e a Educação Sexual, apresento uma reflexão de Furlani (2005, p. 231), onde a mesma afirma que “[...] tentar enquadrar o *queer*, mesmo numa pedagogia que se proponha não-normativa, pode não apenas parecer uma impossibilidade... Mas uma heresia.”. É nesse sentido, que a autora propõe, ao invés disso, “[...] instigar discussões acerca de posturas e encaminhamentos pedagógicos tendo o referencial ***queer* como um ponto de partida provocador**, capaz de tornar o ato pedagógico da ES infindavelmente provocativo e instigante.”. (FURLANI, 2005, p. 231, grifo meu). Com uma aproximação, mesmo que tímida, em relação ao referencial *queer*, acredito que cada vez mais será possível pautar as multiplicidades de corpos, gêneros e sexualidades, e fugir de uma postura prescritiva na Educação Sexual.

O PET/Biologia/UFSC é um espaço extradisciplinar dentro do Currículo dos Cursos de Ciências Biológicas, incluindo aí os cursos de Licenciatura. Sendo assim, uma questão muito importante a ser investigada, diz respeito à importância desse espaço no contexto formativo de seus integrantes e ex-integrantes, em relação à abordagem de Educação Sexual, principalmente porque os professores de Ciências e de Biologia são considerados até hoje como responsáveis de tratar essas temáticas na educação básica. Sendo assim, vejo como importante a continuação deste trabalho, só que agora voltado aos integrantes e ex-integrantes do projeto, numa postura investigativa sobre suas práticas em Educação Sexual e os possíveis impactos em sua formação.

Nesse sentido, ainda que o presente estudo tenha realizado um panorama da Educação Sexual nesse espaço extradisciplinar e evidenciado que dos últimos seis anos pra cá, tem sido discutido a sexualidade de forma mais ampla, considerando sua complexidade, ainda é uma incógnita o real impacto das suas ações nos Cursos de Ciências Biológicas, principalmente em

relação à formação dos graduandos que não são integrantes do projeto de Educação Sexual do PET/Biologia/UFSC.

Além disso, como preconizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para formação inicial em nível superior, os cursos de formação de professores devem contemplar as questões de gênero e sexualidade (BRASIL, 2015). É nesse viés que o PET/Biologia/UFSC pode se configurar enquanto um espaço dentro dos Cursos onde essas questões são debatidas, ainda que seja interessante também a discussão dessas temáticas de forma obrigatória nas disciplinas. Isso porque, cada vez mais uma Educação Sexual inclusiva, que pauta as multiplicidades de gêneros e sexualidades vem sendo atacada, inclusive, via restrições em importantes documentos educacionais como o PNE e a BNCC (BRASIL, 2017), possuindo consequências para a formação de professores.

Ressalto ainda, um ponto importante que apareceu em minhas análises, a respeito do reconhecimento por parte de alguns integrantes do PET/Biologia/UFSC, da impossibilidade de tratar Educação Sexual para além de um viés biológico. Essa afirmação, ainda que de modo indireto, aponta para uma possível dificuldade em termos de formação dentro do Currículo dos Cursos de Ciências Biológicas, em tratar a sexualidade através de outros repertórios que não só os biológicos. Nesse viés, Zanella (2018) deu importantes contribuições, uma vez que identificou espaços onde circulam discursos de gênero e sexualidade nas Licenciaturas do Curso de Ciências Biológicas (UFSC), indicando algumas disciplinas onde perpassam tais discursos como: Tópicos em Biologia e Educação, Metodologia do Ensino, Física para o Ensino de Ciências, Estágio Supervisionado, Embriologia e Biologia e Saúde.

Afirmo ainda que é preciso uma investigação mais profunda e assertiva acerca do desenvolvimento da Educação Sexual nos Cursos de Ciências Biológicas (UFSC), para além do PET/Biologia/UFSC, como, por exemplo, nas disciplinas mencionadas acima, para que se tenha ideia da real situação acerca da Educação Sexual desenvolvida nesses espaços. Como bem indicado por Zanella (2018), há um silêncio acerca da formação dos formadores nos Cursos de Ciências Biológicas (UFSC), de modo que: “[...] se faz necessário os olhares outros sobre gênero e sexualidades na Licenciatura em Ciências Biológicas, como a perspectiva a partir dos professores formadores [...]” (ZANELLA, 2018, p. 102). Nessa linha, ecoo as recomendações da autora, afirmando a importância de se olhar as disciplinas mencionadas anteriormente, desde a perspectiva dos professores formadores.

Para finalizar, pontuo que o PET/Biologia/UFSC é um dos únicos espaços dentro dos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFSC que, nos últimos anos tem se

preocupado com a Educação Sexual e realizado intervenções, seja no âmbito da Educação Básica ou Superior, das mais diversificadas formas, como apresentado anteriormente. Por isso, faz-se necessário manter e ampliar os espaços extradisciplinares como este, numa postura de valorização de suas atividades, tendo em vista sua importância no contexto da formação de professores de Ciências e de Biologia, a qual merece ser mais bem investigada em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. S. et al. Educação em Sexualidade, uma nova visão - Experiências do PET Biologia UFSC. **Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio)**, v. 7, p. 5114-5122, 2014.
- ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, p. 575-585, 2001.
- ALTMANN, H. Educação Sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.136, p.175-200, 2009.
- ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.13, p.69-82, 2013.
- AMORIM, B.M.O. Sexualidade e formação dos professores: interfaces e desafios. In: Congresso Nacional de Educação, 1, 2014, Campina Grande. **Anais...** . Campina Grande: CONEDU, 2014.
- BARROSO, C. Pesquisa sobre educação sexual e democracia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 34, p. 89-90, 1980.
- BARCELOS, N. N. S.; JACOBUCCI, D. F. C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n. 2, p. 334-345, 2011.
- BAZON, F.V.M.; LUCCA, J.G. Reflexões sobre o Programa de Educação Tutorial (Química-UFSCAR-Araras) e a formação inicial de professores. In: XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 16, 2012, Campinas. **Anais...** . Campinas: UNICAMP, 2012.
- BORBA, M. et al. Introdução. In: ELY, V.H.M.; PIRES, G. L. **Do Treinamento à Educação Tutorial: o PET na UFSC (1980-2007)**. Florianópolis: UFSC/PREG, 2007.
- BORDINI, S.C. O Lugar da Educação para a Sexualidade na Disciplina de Ciências e suas Relações com o Saber Científico. **Contexto e Educação**, n. 88, p. 62-76, 2012.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília (DF), 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. **Programa de Educação Tutorial Manual de Orientações Básicas/MOBPET**. Brasília: SES, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução n. 2 de 1 de julho de 2015. Define as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1 jul. 2015. Disponível

em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-5447res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 ago. 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G.L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CASTELLANI, T. T. et al. Experiências do Projeto Educação em Sexualidade e Gênero, uma nova visão. In: Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, 31, 2013, Florianópolis. **Anais...** . Florianópolis: UFSC, 2013.

CÉSAR, M.R.A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.

COELHO, L.J.; CAMPOS, L.M.L. Diversidade sexual, preconceito e aulas de Ciências: reflexões iniciais. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 9, 2013, Águas de Lindóia. **Anais...** . Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2013.

COELHO, L.J.; CAMPOS, L.M.L. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

COLETTA, R.D. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no 'Jornal Nacional'. **El País**. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html. Acesso em: 03 mar. 2019.

DINIZ, B.L.R.; CIRINO, M.M.; HEREDERO, E.S. Formação inicial em educação sexual: percepções de professores de Biologia de um Instituto de Educação Secundária de Guadalajara (Espanha). In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 10, 2015, Águas de Lindóia. **Anais...** . Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2015.

ERSCHING, J. et al. O Programa de Educação Tutorial e o Curso de Biologia na UFSC. In: ELY, V.H.M.; PIRES, G. L. **Do Treinamento à Educação Tutorial: o PET na UFSC (1980-2007)**. Florianópolis: UFSC/PREG, 2007.

FIGUEIRÓ, M.N.D. Educação sexual: Problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. **Semina: Ciências Sociais/Humanas**, v. 17, n. 3, p. 286-293, 1996a.

FIGUEIRÓ, M.N.D. A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. **Cadernos de Pesquisa**, n. 98, p. 50-63, 1996b.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed. Londrina: Eduel, 2010.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. 2 ed.

Londrina: Eduel, 2014.

FIGUEIRÓ, M.N.D. O sentido do sexo na vida das pessoas. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba: CRV, p. 243-258, 2018.

FILHA, C.X. Educação para a(s) sexualidade(s): carregar água na peneira? **Revista Diversidade e Educação**, v. 5, n. 2, p. 16-39, 2017.

FLOR, E.A.; GOES, J.C.; JESUS, G. Projeto CINEPET itinerante: Reflexões sobre a experiência do projeto em uma escola pública de Florianópolis. In: II Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social, 2, 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FRISON, L.M.B. Tutoria: uma prática de ensino autorregulada utilizada no ensino superior. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.21, p.66-81, 2013.

FURLANETTO, M.F. et al. Educação Sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n.168, p. 550-571, 2018.

FURLANI, J. Educação Sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FURLANI, J. **O bicho vai pegar: um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FURLANI, J. Educação Sexual - quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 283-317, 2008a.

FURLANI, J. Mulheres só fazem amor com homens? A Educação Sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 111-131, 2008b.

FURLANI, J. Abordagens contemporâneas para educação sexual. In: FURLANI, J. (org.). **Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FURLANI, J. **"Ideologia de Gênero"? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha**. Versão Revisada 2016. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09 pp, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jimena.furlani>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

GOLDBERG, M.A.A. **Educação Sexual: uma proposta, um desafio**. São Paulo: Ed. Aruanda, 1982.

GROFF, A.R; MAHEIRIE, K.; MENDES, P.O.S.P. A educação sexual e a formação de professores/as um convite ao dissenso. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.10, n.2, 2015.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola: Mito e Realidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LIMA, L.P.; GESSER, M.; OLTRAMANI, L.C. Projeto formação continuada de professores em gênero e sexualidade: relato de experiência. **Extensio**, Florianópolis, v. 12, n. 20, p. 132-143, 2015.

LIRA, A.; JOFILI, Z. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 3, n. 1, p. 22-41, 2010.

LOURO, G.L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

LOURO, G.L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. (org.). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAISTRO, V.I.A.; ARRUDA, S.M., JÚNIOR, A.L. O papel do professor em um projeto de Educação Sexual. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 7, 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2009.

MC MANUS, F. Las sexualidades naturales de la biología post-moderna. In: RUIZ, R.; MC MANUS, F.; FOULKES, B.; LAMAS, M. **Sexualidad: Biología y cultura**. Primera edición. Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

MELO, A.S.A.F. Operação “pente fino”: um levantamento das publicações sobre gênero, sexualidade e corpo nos ENPEC. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 11, 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2017.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Departamento passa a utilizar nomenclatura "IST" no lugar de "DST"**. 2016. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**. v. 32, n.3, p. 725-748, 2017.

MOHR, A. **A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências**. 2002. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MOHR, A.; MAESTRELLI, S.R.P. A revisão bibliográfica nos periódicos da área do Ensino de Ciências. In: SILVA, M.G.L.; MOHR, A.; ARAÚJO, M.F.F. (org.). **Temas de Ensino e**

Formação de Professores de Ciências. Natal, RN: EDUFRRN, 2012.

MORYAMA, N.; MAISTRO, V.I.A. A Educação Sexual no PIBID/Biologia. In: IX Congresso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, 9, 2013, Girona. **Anais...** .Girona, 2013.

OLIVEIRA, A.P.S.; BARBOSA, M.G.; OLIVEIRA, M.C.A. A configuração curricular para educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. In: Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino de Ciências, 3, 2017, Campina Grande. **Anais...** . Campina Grande: CONAPESC, 2017.

OLIVEIRA, R.R.; BRANCALEONI, A.P.L.; FILHO, G.M.G.; PAULINO, R.S.; SILVA, C.S.F. Preconceito e sexualidade em sala de aula – o (des)preparo docente frente ao dizer dos alunos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 11, 2017, Florianópolis. **Anais...** .Florianópolis: ABRAPEC, 2017.

OLIVEIRA, D.C.; POLIDORO, M. **Promotores e promotoras da saúde LGBT para profissionais no SUS.** 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Sexualidade na Escola e na Universidade.** 2018. Disponível em: <<http://www.petbiologia.ufsc.br/extensao/educacao-em-saude/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Página do PET/Biologia/UFSC no Facebook.** 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/petbiologiaufsc/>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PIOTROWSKI, S.M. et al. A educação tutorial na formação inicial de professores de ciências. In: V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia, 5, 2013, Santo Ângelo. **Anais...** . Santo Ângelo: FURI, 2013.

PLUCENIO, R. M. et al. Atividades do Projeto “Educação em Saúde como um exercício de inclusão social”: Ações em 2009. **Extensio**, Florianópolis, v. 7, p. 12-23, 2010

ROHDEN, F. Gênero, Sexualidade e Raça/Etnia: Desafios Transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.136, p.157-174, 2009.

SALGADO, R.G.; SOUZA, L.L.; WILLMS, E.E. Infância, arte, gênero, sexualidade e educação: a mordaca e a criminalização em nome da proteção. **Periódicus**, Salvador, n. 9, v. 1, 2018.

SANTOS, A.I. A nova Base Nacional Comum Curricular: uma análise da exclusão dos termos gênero e orientação sexual à luz de Michel Foucault. In: V Colóquio Nacional Michel Foucault: a arte neoliberal de governar e a educação, 5, 2017, Uberlândia. **Anais...** . Uberlândia, 2017.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J.G. (Org.). **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p.107-117.

SILVA, M.M.F. et al. O pet-educação no contexto da formação acadêmica: as licenciaturas em evidência. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, v.21, n.3, p. 1499-1516,

2017.

SILVA, R.C.P. **Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola**. 2004. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Campinas.

SILVA, R.C.P.; NETO, J.M. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. Bauru, **Ciência & Educação**, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SOUZA, E.J. **Educação Sexual “além do biológico”**: problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de Licenciatura em Biologia. 2018. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOUZA, M.L. Partilhando uma experiência de ensino sobre gênero e sexualidade em um curso de formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Tecné, Episteme y Didaxis**, p. 278-284, Bogotá, 2014.

TAVARES, B. et al. Análise da percepção de alunos como forma de pensar práticas pedagógicas em Educação Sexual. In: GUIMARÃES, R. S.; VERGUEIRO, V.; MARCOS, M. A.; FORTUNATO, I. (org.). **Gênero e cultura: perspectivas formativas** vol. 2. São Paulo: Edições Hipótese, 2018.

UFSC. **Relatório Final de Atividades da Comissão da Reforma Curricular**. BRASIL, 2005. Disponível em:
http://cienciasbiologicas.grad.ufsc.br/files/2013/08/relatorio_final_completo.pdf .Acesso em: 10 ago 2018.

VIEIRA, P.M.; MATSUKURA, T.S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, 2017.

VITIELLO, N. A educação sexual necessária. **Revista Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana**, n. 6, v. 1, p. 15-28, 1995.

WEREBE, M.J.G. Implantação da Educação Sexual no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n.26, p. 21-27, 1978.

WEREBE, M.J.G. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1998.

ZANELLA, L. **Entre silêncios e resistências**: sentidos sobre gênero e sexualidade na licenciatura em Ciências Biológicas. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

APÊNDICE — Análise Quantitativa

Tabela 3. Quantificação de expressões presentes nos Relatórios Anuais de PET/Biologia/UFSC.

Expressões	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Educação em Sexualidade	0	0	0	0	0	4	1	2	1	0	0
Educação Sexual	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Ensino de Sexualidade	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Informações acerca da Sexualidade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Sexualidade	2	4	11	6	18	17	16	15	8	18	15
Gênero em sentido lineano	1	1	4	4	4	0	0	0	0	0	0
Gênero	0	0	0	0	5	1	3	8	1	4	7
Virgindade	0	0	0	0	0	2	1	2	1	1	1
Aborto	0	0	0	0	0	2	1	1	1	1	1
Respeito	0	0	0	0	0	3	1	2	1	3	2
Diversidade	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	2
Saúde	24	22	55	18	22	0	1	2	0	2	0
Higiene	2	2	2	2	1	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração do autor (2019).